



IZABEL CRISTINA XAVIER ROSA KAADI

*PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL*

GOIÂNIA
2018

IZABEL CRISTINA XAVIER ROSA KAADI

**PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção para o título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientador (a): Dr(a). Ilse Leone Borges Chaves de Oliveira

GOIÂNIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

K11 Kaadi, Izabel Cristina Xavier Rosa

Práticas de leitura literária no 3º ano do ensino fundamental
[manuscrito]. / Izabel Cristina Xavier Rosa Kaadi. – 2018.

58 p. : il.

Orientador: Prof Dra Ilse Leone Borges Chaves de Oliveira.

Produto Educacional relativo a dissertação (Mestrado) -

Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação
(CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica.

Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/browse?type=author&value=Kaadi%2C+Izabel+Cristina+Xavier+Rosa>

1. Educação. 2. Leitura. 3. Letramento. I. Oliveira, Ilse Leone Borges
Chaves de. III. Título.

CDU: 37

Bibliotecária responsável: Amanda Cavalcante Perillo / CRB1: 2870



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos quatorze dias do mês de setembro de 2018, às 08:30 horas, nas dependências do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, foi realizada a defesa de dissertação de mestrado intitulada **PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL** da mestrand **Izabel Cristina Xavier Rosa Kaadi**, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Ao término da defesa a banca examinadora (Port. nº 051/PPGEEB/2018 de 16 de agosto de 2018), considerou a dissertação apresentada

Aprovada

Não aprovada

Observações:

Proclamado o resultado, o (a) presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata com os outros membros da banca examinadora.

Goânia, 14 de setembro de 2018.

Ise Leone B. Chaves de Oliveira

Profa. Dra. Ise Leone Borges Chaves de Oliveira (PPGEEB/CEPAE/UFG) – Presidente

Célia S. Silva

Prof. Dr. Célia Sebastiana Silva (PPGEEB/CEPAE/UFG) – Membro interno

Renata Raha Ribeiro

Profa. Dra. Renata Ribeiro (FL/UFG) – Membro externo

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL
(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: Proposta de leitura literária

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)**.

Link para acesso:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/browse?type=author&value=Kaadi%2C+Izabel+Cristina+Xavier+Rosa>

Outras formas de Registro: Domínio de internet e Repositórios Educacionais.

Outras formas de acesso:

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Proposta de trabalho envolvendo as práticas de leitura literária baseada nos princípios teórico-metodológicos do letramento literário.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Professores da Educação Básica e demais estudiosos do ensino da literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) **em situação escolar real?**

() Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação escolar

O produto educacional foi vivenciado com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental composta por 25 alunos em uma escola da rede pública localizada no município de Goiânia. Essa experiência se deu durante os meses de junho e agosto de 2017.

O Produto Educacional apresenta:

() **Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

(x) **Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.

() **Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

O impacto do Produto Educacional é:

(x) **Real** - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

() **Potencial** - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

REPLICABILIDADE ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido.

(x) Sim () Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

() Local () Regional (x) Nacional () Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

(x) **Alta complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes

tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

() **Média complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

() **Baixa complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

() **Sem complexidade** - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui :

() **Alto teor inovativo** - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

() **Médio teor inovativo** - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

(x) **Baixo teor inovativo** - adaptação de conhecimento existente.

TRÂNSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

() Sim (x) Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, etc. em eventos acadêmicos ou científicos?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

“O leitor iniciante e o texto literário: Um encontro possível”. Comunicação oral no simpósio 15- Educação Literária e Formação do Leitor no Ensino Básico do II Congresso Internacional Línguas, Culturas e Literaturas em Diálogo realizado entre os dias 16/08/2018 e 18/08/2018 na Universidade de Brasília- UnB.

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

KAADI, I.C.X.R.; OLIVEIRA, I.L.B.C. .O leitor iniciante e o texto literário: um encontro possível. In: *II Congresso Internacional Línguas, culturas e literaturas em diálogo: identidades silenciadas*. Brasília: IFB, 2018. p.855-876.
Disponível em: <https://www.lcdialogobrasilia2018.com/>

RESUMO

Essa proposta de trabalho compõe o produto educacional da pesquisa “Práticas de leitura literária e formação do aluno leitor no 3º ano do Ensino Fundamental”, um estudo de caso desenvolvido entre os anos de 2016 a 2018 durante o curso de Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG. O objetivo da proposta é evidenciar a importância das práticas de leitura literária dentro e fora da escola e problematizar suas relações com a formação do aluno leitor. Para tanto seu planejamento baseou-se nos princípios teórico-metodológicos do letramento literário proposto por Cosson (2014) e sua efetivação ocorreu por meio de quatro aulas realizadas no mês de junho e seis aulas no mês de agosto do ano de 2017. No primeiro capítulo exponho como se deu o planejamento das atividades no período de intervenção e o processo de escolha das narrativas infantis que compõem essa proposta de trabalho. Já o segundo capítulo gira em torno da análise do desenvolvimento das atividades realizadas a partir da leitura das obras literárias *Os três porquinhos*, de Ana Maria Machado, e *Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará*, de Diane Valdez. No terceiro capítulo, abordo a importância da parceria entre escola e família em projetos que valorizem a formação do leitor. Nesse capítulo a discussão se dá a partir da análise das produções dos participantes durante a consecução das atividades propostas partir da leitura do conto infantil *Procura-se lobo*, de Ana Maria Machado. Já no último capítulo, descrevo algumas reflexões geradas com o desenvolvimento de algumas dinâmicas literárias.

Palavras-Chave: Ensino. Literatura infantil. Formação do leitor. Letramento literário.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 11 |
| 1 A escolha das narrativas | 12 |
| 1.1 Planejamento das intervenções pedagógicas | 13 |
| 2 O leitor iniciante e o texto literário: um encontro possível | 18 |
| 3 A leitura literária para além do contexto escolar: a importância da inserção das famílias em um projeto de formação de leitores | 34 |
| 4 Compartilhando a leitura dentro e fora da escola | 44 |
| Referências | 57 |

Introdução

A literatura é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.

Nelly Novaes Coelho¹

Essa proposta de trabalho compõe o produto educacional da pesquisa de mestrado “Práticas de leitura literária e formação do aluno leitor no 3º ano do Ensino Fundamental”.

Seu planejamento foi baseado nos princípios teórico-metodológicos do letramento literário proposto por Cosson (2014).

Um fator de grande relevância ao abordar a formação do aluno leitor é, sem dúvida, a influência que o adulto, seja ele pai ou educador, pode exercer sobre as crianças e jovens se, de fato, forem leitores. Tomo aqui as palavras de Azevedo (2003) para definir esse seletivo grupo, tão necessário e tão almejado por aqueles que buscam uma sociedade mais justa e humanizada:

Leitores são pessoas que sabem diferenciar uma obra literária de um texto informativo; pessoas que leem jornais, mas também leem poesia; gente, enfim, que sabe utilizar textos em benefício próprio, seja para receber informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro e simples entretenimento (AZEVEDO, 2003, p. 2).

Formar bons leitores pressupõe que, antes, sejamos bons leitores, pois, como salienta Azevedo (2004), não basta uma postura politicamente correta, ressaltando a importância da leitura, indicando boas leituras, se de fato não nos constituímos leitores. Faz-se necessário que, no contexto da sala de aula haja tempo e espaço privilegiados para a leitura literária.

Segundo Aguiar e Bordini (1993, p. 18), “o primeiro passo para a formação do hábito de leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele”. Diante disso, essa proposta tem como objetivo evidenciar a importância das práticas de leitura literária para a formação do aluno leitor no 3º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, apresenta uma proposta de trabalho que prioriza o contato com a leitura literária dentro e fora da escola.

¹ COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil brasileira: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000, p. 27.

1 A escolha das narrativas

A escolha das obras infantis que compuseram essa proposta de trabalho se deu devido ao interesse da turma pelos contos infantis. Tal interesse se materializou principalmente durante as entrevistas individuais realizadas com cada aluno(a).

Partindo das expectativas da turma, a primeira leitura abordada foi a do conto popular *Os três porquinhos* recontado pela renomada escritora Ana Maria Machado.

Vale ressaltar que, além dos princípios que fundamentam o letramento literário, ao elaborar essa proposta de trabalho, tive como princípio norteador a ideia de ensino na perspectiva de projeto, na qual

o planejamento é feito concomitantemente com as ações e as atividades que vão sendo construídas “durante o caminho”. Um projeto é uma abertura para as possibilidades amplas e com uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, criativos, ativos, inteligentes acompanhados de uma grande flexibilidade de organização (BARBOSA; HORN, 2008, p. 42).

Desse modo, a segunda história abordada foi *Os três porquinhos Caititus e o Lobo Guará*, na qual Diane Valdez atualiza e parodia o conto clássico. A autora desse livro é professora da Universidade Federal de Goiás, militante do Movimento Meninos de Rua (GO), escritora e também contadora de histórias.

Justifico a escolha desse livro pelas palavras de Calvino (1993, p. 14-15): “Assim, o rendimento máximo da leitura dos clássicos advém para aquele que sabe alterná-la com a leitura de atualidades numa sábia dosagem”. Com uma linguagem divertida e cheia de trocadilhos, a autora, por meio da regionalização, aproxima o conto do universo do leitor. Nessa versão,

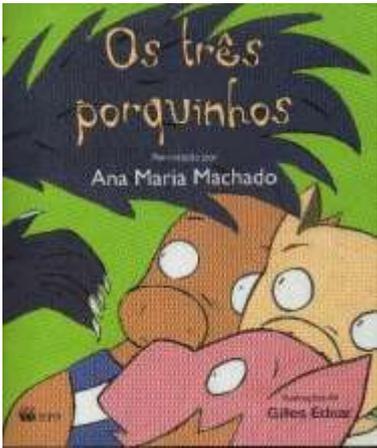
o paradigma dos três porquinhos ingênuos perseguidos por um lobo feroz converte-se no seu contrário. Aqui, o lobo-guará (primo distante daquele lobo mau europeu) é dotado de uma paciência de Jó, enquanto os três irmãos infernizam sua vida com todo tipo de provocação. As agressões que ele fará, portanto, serão revides, jamais ataques gratuitos (SILVA, V., 2011, p. 5).

Já a terceira obra abordada foi o conto *Procura-se lobo*, também da autora Ana Maria Machado. A motivação para a escolha desse conto se deu pelo interesse da turma pelo personagem “lobo”. Percebi o quanto os alunos acharam interessante a maneira como Diane Valdez apresenta, em sua história, um personagem completamente diferente do clássico *Os três porquinhos*, destacando principalmente o fato de esse lobo ser a vítima da história. As interações entre os alunos, o interesse do grupo bem como as dificuldades vivenciadas durante o processo foram fatores relevantes na elaboração das atividades propostas.

1.1 Planejamento das intervenções pedagógicas

O desenvolvimento dessa experiência de leitura literária ocorreu entre os meses de junho a agosto de 2017, conforme o planejamento a seguir:

Planejamento das aulas: 1 e 2 (20 e 22/06/2017)

| | |
|---|---|
|  | <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">✓ Suscitar o interesse pela leitura literária;✓ Promover a interação e a socialização por meio do contato com a leitura literária;✓ Abordar as características das narrativas infantis;✓ Desenvolver a leitura e a escrita. |
|---|---|

Metodologia:

1º Momento: Roda de conversa sobre alguns contos conhecidos pelos alunos. Retomar o diálogo feito na entrevista individual com cada um, ocasião em que boa parte dos entrevistados demonstrou interesse pelos contos tradicionais. Explorar a capa, incentivando os alunos a realizar a previsão do texto, expondo assim seu conhecimento prévio e suas expectativas em relação ao conto.

2º Momento: Leitura em voz alta da narrativa *Os três porquinhos*, conto popular recontado por Ana Maria Machado.

3º Momento: Conversa sobre a história, ressaltando as características dos contos infantis, assim como os elementos da narrativa que o diferenciam de outras versões da história *Os três porquinhos*, como o cenário, as vestimentas dos personagens, o modo de construção das casas. Falar sobre a origem do conto, na Inglaterra, e um pouquinho sobre o inventor da história que há tempos vem encantando gerações de crianças por meio de diferentes versões. Apresentar a autora Ana Maria Machado, citando algumas obras de sua autoria.

4º Momento: Realizar um pequeno relato opinando sobre o conto *Os três porquinhos*. Em seguida, propor a releitura artística da história, dividindo a turma em três equipes. Cada uma ficará responsável por recriar uma parte do conto, dando ênfase ao episódio da construção da moradia de cada personagem, usando diferentes recursos como cartolina, canetinha, tinta guache, esponja, palha do Buriti, gravetos, pequenos pedaços de tijolos e lápis de cor. Cada equipe deverá escolher um integrante para fazer o registro escrito do trecho retratado pelo grupo.

5º Momento: Apresentação oral e exposição dos trabalhos em grupo.

Avaliação: Avaliar o envolvimento dos alunos com a leitura literária e a interação durante o trabalho em equipe.

Aulas: 3 e 4 (25 e 27/06/2017)



Objetivos:

- ✓ Instigar o interesse pela leitura literária;
- ✓ Promover o letramento literário;
- ✓ Promover momentos de interação e socialização entre os alunos e a pesquisadora;
- ✓ Ampliar o repertório de leitura dos alunos.

Metodologia:

1º Momento: Dinâmica “Frutos do Cerrado”. Na roda, ouvir a música “Frutos da Terra”, do cantor Marcelo Barra. Perguntar aos alunos se conhecem alguns dos frutos citados na música. Após, escolher um aluno para degustar sorvete de um desses frutos, de modo que tente adivinhar o sabor. Ir alternando até que todos participem. Anunciar o cenário da próxima história, o cerrado, questionando os alunos sobre o que sabem a respeito desse bioma.

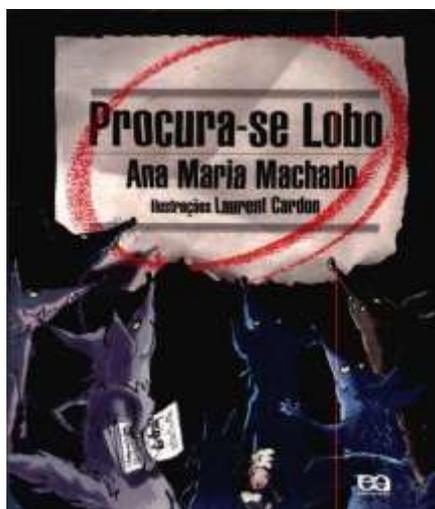
2º Momento: Leitura do livro *Os três porquinhos caititus e o lobo-guará*, de Diane Valde

Z. **3º Momento:** Após, comparar a história lida com o conto *Os três porquinhos*. Levar os alunos a perceber a relação entre os personagens, os recursos utilizados pela autora ao parodiar e atualizar o conto europeu, como a inversão de papéis dos personagens e a adaptação dos eventos, de modo que aproxima a trama ao universo dos leitores.

4º Momento: Explicar aos alunos o que é uma sinopse e qual a finalidade desse tipo de texto. Mostrar como exemplo a sinopse da obra literária *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Solicitar que optem por um dos textos literários lidos em sala – *Os três porquinhos*, de Ana Maria Machado, ou *Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará*, de Diane Valdez –, e produzam uma sinopse do livro escolhido.

5º Momento: Realizar uma ilustração do cenário, onde se passa a história *Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará*, ao som da música “Frutos da terra” do cantor goiano Marcelo Barra.

Avaliação: Avaliar o envolvimento com a obra literária e a capacidade de relacionar a história com suas vivências.



Objetivos:

- ✓ Instigar o interesse pela leitura literária;
- ✓ Promover o letramento literário;
- ✓ Promover momentos de interação e socialização entre os alunos e suas famílias;
- ✓ Ampliar o repertório de linguístico dos alunos;
- ✓ Ampliar o conhecimento em torno do tema “extinção”;
- ✓ Perceber a importância da comunicação por meio da linguagem e a confusão que um anúncio mal elaborado pode causar.

Metodologia:

1º Momento: Conversar com os alunos sobre suas impressões acerca do modo como o personagem “lobo” foi retratado nas duas narrativas. Apresentar o livro *Procura-se lobo*, de Ana Maria Machado, cuja obra faz um jogo de intertextualidade com diversas histórias envolvendo o personagem lobo. Preparar os alunos para a leitura desse livro com a ampliação do repertório de leitura, por meio de outros textos mencionados nesse livro.

2º Momento: Disponibilizar aos alunos livros ou textos que retratam o personagem “lobo”, o que se dará via sorteio, sendo que quem levar o livro para casa no primeiro momento, no próximo levará um texto e vice-versa, de modo que todos tenham a oportunidade de levar duas histórias, seja o livro ou a cópia de um texto.

1ª Obs.: Histórias abordadas no livro: *Procura-se lobo*, de Ana Maria Machado:

Chapeuzinho vermelho, O lobo de Gubbio, O lobo da Estepe, O livro da Selva, Loba Romana, Chapeuzinho Amarelo, Lobisomem, O lobo e os sete cabritinhos, Os três porquinhos, Lobo em pele de cordeiro e Pedro e o lobo.

2ª Obs.: Nesse mesmo dia, os alunos levarão para casa, junto com o livro/texto, uma proposta de atividade para que seja realizada com a família. Consiste em uma folha dividida em duas partes. Uma para a família realizar o registro escrito de como ocorreu o momento de leitura literária com as crianças. E a outra para que os alunos registrem por meio da ilustração o que achou de interessante ao ler a história.

3º Momento: Socializar a leitura das histórias por meio da dinâmica: “Embolada literária”. Em uma roda no pátio, ao som de cantigas de roda, os alunos vão passando a bola e, quando a música parar, quem estiver com a bola em mãos faz um relato do momento de leitura literária com a família.

4º Momento: Leitura do livro *Procura-se lobo*. Entregar aos alunos uma plaquinha contendo o nome de cada história lida em casa. Durante a leitura, os alunos deverão identificar o momento em que o personagem de sua história é mencionado, sendo que tal menção se dará nas entrelinhas do texto literário, o que requer a atenção e concentração dos alunos.

5º Momento: Dialogar com a turma sobre o que acharam da história e da dinâmica. Conduzir a discussão de modo que os alunos construam o sentido do texto literário relacionando o que foi lido com suas vivências e conhecimento de mundo. Explicar o significado da palavra “extinção”. Discutir o tema “Extinção dos animais”, incentivando a reflexão em torno do assunto. Nesse dia, ampliar a discussão solicitando que os alunos realizem uma pesquisa em casa sobre os animais que estão em extinção.

6º Momento: Ouvir a música *Planeta Azul*, de Chitãozinho e Xororó e refletir sobre as consequências da ação humana sobre o meio ambiente.

7º Momento: Socializar com a turma as pesquisas trazidas de casa. Discutir o tema novamente, observando se a pesquisa contribuiu para ampliar o conhecimento do tema, bem como o repertório linguístico.

8º Momento: Ler o poema *Paraíso*, de José Paulo Paes. Após, dividir a turma em grupo para que façam uma releitura do poema, abordando o tema estudado.

9º Momento: Realizar um rodízio de leitura literária do livro *Procura-se lobo*, de maneira que todos os alunos tenham a oportunidade de prestigiar o livro com sua família. Junto com o livro, os alunos levarão para casa uma pasta contendo materiais diversos como lápis de cor, canetinha, cola colorida, giz de cera, tinta guache, pincel, cola, tesoura, entre outros materiais. Os alunos deverão responder ao seguinte questionamento: “Imagine que

você tenha sido convidado a fazer parte da equipe do Manuel Lobo. Que sugestão você daria a ele para ajudá-lo a proteger os animais?” Além de responder à questão, utilizarão os recursos disponíveis para realizarem uma ilustração da história ou de sua ideia, ficando a critério de cada um.

Avaliação: Avaliar o envolvimento dos alunos e das famílias com as atividades propostas.

Os tópicos seguintes resultam da análise das atividades propostas.

2 O leitor iniciante e o texto literário: um encontro possível

Para a realização dessa experiência de leitura literária, foram consideradas as etapas de uma sequência básica com base no letramento literário defendido por Cosson (2014):

Motivação: Preparação para a leitura. Nessa etapa, é importante criar situações lúdicas que despertem o interesse do aluno, incentivando a reflexão e posicionamento diante de um determinado tema.

Introdução: Apresentação do autor e da obra. Abordar a importância da obra, justificando sua escolha. Chamar a atenção para a capa. Levantar hipóteses acerca do texto a ser lido. Nessa etapa, a presença física do livro é de suma importância.

Leitura: Acompanhamento do processo de leitura, auxiliando o aluno nas dificuldades que surgirem. Fazer intervalo

s durante a leitura. O tempo destinado à leitura e aos intervalos devem ser breves, de modo a evitar que se perca o foco da atividade.

Interpretação: Construção de sentidos a partir do diálogo entre autor, leitor e comunidade. Compartilhamento e ampliação dos sentidos construídos individualmente. Registro da interpretação.

Para Cosson (2014), o desenvolvimento do letramento literário demanda um processo educativo, cabendo à escola promover a adequada escolarização da leitura literária. O autor defende que o ensino da leitura literária na escola básica deve ir além das práticas escolares usuais a partir da leitura efetiva dos textos literários.

Nesse sentido, ao desenvolver o trabalho com a leitura literária nessa turma, procurei estabelecer com os(as) alunos(as) uma postura aberta ao diálogo, de modo que pudessem vivenciar experiências significativas com a leitura literária.

Importante ressaltar que “o letramento literário não começa nem termina na escola, mas é uma aprendizagem que nos acompanha por toda a vida e que se renova a cada leitura de uma obra significativa” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Daí a importância de a escola desenvolver projetos que estimulem as práticas de leitura literária para além do espaço escolar, buscando a efetiva participação das famílias nesse processo.

Ao trabalhar com a leitura de obras literárias em sala de aula, é fundamental que o professor tenha clareza das especificidades do texto literário, reconhecendo que sua proposta está ligada à fruição estética da língua. Também é importante que o professor estabeleça alguns critérios na escolha do material de leitura como a qualidade estética da obra e a pertinência do assunto abordado, o que requer do professor um olhar atento aos interesses e necessidades do grupo.

Outra questão fundamental na abordagem do texto literário em sala de aula diz respeito ao papel do professor como mediador do processo de interpretação da leitura. Umberto Eco chama a atenção para a dialética existente entre a ação do intérprete e a fidelidade à escrita do texto.

Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira nelas lendo aquilo que nossos incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõe um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades da linguagem e da vida. Mas, para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de interpretação do texto (ECO, 2003, p. 12).

O referido autor ressalta que os textos literários sinalizam o que deve ser considerado relevante e o que não pode ser tomado como ponto de partida. Por isso, as inúmeras interpretações possíveis devem estar coerentes com a estrutura do texto. Na obra *Interpretação e Superinterpretação*, Eco caracteriza como uma superinterpretação a interpretação demasiadamente livre ou paranoica que se faz de um texto, ou seja, quando o leitor parte de uma noção mínima de similaridade e abstrai o máximo possível. Para o autor, “se há algo a ser interpretado, a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado” (ECO, 2005, p. 50-51). A partir dessas premissas, a escolha dos contos infantis se deu em virtude do interesse da maioria dos alunos por esse tipo de narrativa. Isso se evidenciou nos momentos de entrevistas com os(as) alunos(as):

Pesquisadora: E, por qual tipo de texto você demonstra mais interesse? Contos de fadas, poemas, histórias em quadrinhos? Qual que você gosta mais?

Carla Maria: Eu gosto da Cinderela e da Chapeuzinho.

(Entrevista oral com a aluna Carla Maria)

Fiz às outras crianças perguntas semelhantes e as respostas que foram surgindo nas entrevistas individuais tiveram um traço em comum, o interesse pelas narrativas infantis:

Alessandro: A história dos três porquinhos é muito boa.

Michel: De historinha do lobo mau.

[...] Dos três porquinhos. Só.

Yara: De história é... história da Chapeuzinho.

João Marcelo: [...] Livro de... Como é mesmo? Livro de histórias. [...] João e Maria. O pé de feijão... João e o pé de feijão. É... eu não me lembro mais dos outros.

Júlio César: Eu gosto dos três porquinhos.

Maria Eduarda: De português. (...) De fadas.

Mariane: Tipo assim, que tipo de história?

Pesquisadora: Assim, tem gente que gosta mais de histórias em quadrinhos, tem criança que gosta mais de contos de fadas?

Mariane: É de Contos de fadas.

Marcos: Aquele livro do lobo mau.

Ana Luiza: A leitura da Branca de Neve.

Michele: O feitiço do sapo.

Luísa: É... A Bela e a Fera.

Gustavo: É, qualquer um que aparecer.

Professora: Se eu for trabalhar com vocês lá na sala, você queria que eu trouxesse que tipo de história.

Gustavo: É de João e de pé de feijão. [...] Sem ser de mulher.

Julia: [...] Eu gosto mais de princesas. [...] Contos de fadas.

(Entrevista oral com os alunos)

As atividades mencionadas nesse tópico foram desenvolvidas em quatro aulas, nas duas últimas semanas do mês de junho de 2017. Um dos procedimentos metodológicos utilizados para a motivação foi a formação da roda, por permitir uma maior interação com os alunos(as), conforme considera Paulino e Cosson:

É assim que a literatura permite que o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade (PAULINO; COSSON, 2009, p. 69).

Iniciamos a conversa em torno de alguns contos conhecidos por eles, inclusive mencionando o interesse que boa parte da turma demonstrou pelas narrativas infantis, durante as entrevistas individuais. Ao observar a capa do primeiro livro, um aluno afirmou: “Ah, eu já conheço essa história”.

Deixei que os alunos falassem sobre suas expectativas em relação ao conto e, após esse momento, iniciamos a leitura do texto. Importante ressaltar aqui que, devido às dificuldades apresentadas por boa parte da turma, não apenas para interpretar, mas também para decodificar o texto (questão já abordada no decorrer desse trabalho), optei por realizar a leitura em voz alta. Sobre essa postura, o professor e escritor Pennac 1993 (apud OLIVEIRA, 2012, p. 165) assevera:

É claro que a voz do professor ajudou, nessa reconciliação: economizando o esforço da decifração, desenhando claramente as situações, delineando o cenário, encarnando os personagens, sublinhando os temas, acentuando as tonalidades, fazendo, o mais claramente possível, seu trabalho de revelador fotográfico.

Ainda sobre o papel do professor-leitor, Oliveira (2012, p.165) destaca:

O professor-leitor é também ator. Encenando o texto que lê aos seus alunos, ele pode sempre desempenhar essa função de “revelador fotográfico”, aquele que, numa câmera escura, possibilita que se construam sentidos para as imagens impressas no papel.

Nesse sentido, a leitura em voz alta foi uma estratégia necessária para o desenvolvimento da atividade proposta, visto que a maior parte dos alunos ainda estava em processo de alfabetização. E mesmo os que sabiam ler o faziam com muita dificuldade de compreensão e interpretação. Tal dificuldade foi constatada durante a observação das aulas, em diálogo com a professora da turma e durante as entrevistas individuais com os alunos. Alguns, inclusive, chegaram a mencionar não gostar muito da leitura devido a essas dificuldades. Os relatos abaixo são de dois alunos com grande dificuldade no seu processo de aquisição da leitura e da escrita:

Pesquisadora: Você acha a leitura importante?

João Pedro: Uhum.

Pesquisadora: E você gosta de ler?

João Pedro: Mais ou menos.

Pesquisadora: Por que mais ou menos?

João Pedro: Não sou muito afim não.

Pesquisadora: Não? Por quê?

João Pedro: Ah, fico com preguiça.

Pesquisadora: Fica com preguiça? Ah! Mas você tem alguma dificuldade com a leitura.

João Pedro: Tenho. Porque antes de vim pra escola eu fiz cirurgia no olho.

[...]

Pesquisadora: E você gosta de ler?

Michel: Gosto.

Pesquisadora: Mesmo?

Michel: Mais ou menos.

Pesquisadora: Ah tá. Por que você gosta assim, mais ou menos?

Michel: Porque eu não sou bom de leitura.

Pesquisadora: Não?

Michel: Não.

Pesquisadora: Você tem dificuldade com o quê na leitura?

Michel: Ah... Porque quando eu vou ler, a minha língua trava e eu não dou conta muito de falar.

(Entrevista oral com os alunos)

Vale ressaltar que tal proposta não traiu um dos princípios do letramento literário no que respeita à decodificação do texto feita pelo(a) aluno(a), pois a prática de leitura individual

foi realizada na aula seguinte, a partir do reconto da história e leitura de alguns trechos por um grupo de alunos.

Durante a leitura do texto recontado por Ana Maria Machado, foi possível perceber grande interesse da turma pelo conto. Uma das formas de interagir com as crianças durante a leitura foi solicitar que os alunos concluíssem as falas das personagens, sempre que os porquinhos se despediam e partiam para a construção da próxima casa, usando assim o recurso da memorização: “Não, nós queremos casa mais segura. Bem forte na tempestade e na noite mais escura” (MACHADO, 2004, p. 7).

Outra marca textual que chamou bastante a atenção e o conseqüente interesse dos pequenos foi a leitura de alguns trechos com rima, usando a entonação da voz de modo que sugerisse certo espanto “Ficou maluco, meu irmão? Onde já se viu casa de varinha para leitão?” (MACHADO, 2004, p. 8).

Outro momento que vale a pena ser destacado foi o suspense provocado pelas pausas na narrativa, dando espaço, assim, para o leitor imaginar e interagir com o texto a partir de seu conhecimento prévio e de suas impressões. Um desses momentos ocorreu quando “os porquinhos” conseguem fugir do “lobo” entrando na casa de tijolos. Durante a leitura boa parte dos alunos acreditou que logo a história se encerraria ali; no entanto, algumas aventuras inesperadas acontecem, aumentando o interesse dos alunos diante do desfecho da história.

Após a leitura do conto, fiz alguns questionamentos com o intuito de provocar a reflexão e discussão sobre a história. O importante nesse momento seria a interação entre os alunos, nem tanto as respostas dadas por eles, pois:

a literatura, como a vida, nos coloca questão após questão, num interrogar infindo, como se estivéssemos, a cada passo, diante do breu da noite. E essa seria sua principal função, especialmente se pensarmos no contexto escolar, espaço que pode ser privilegiado para a prática leitora do texto literário: provocar o aluno-leitor, apresentando-lhe questão e não necessariamente respostas (CRUVINEL, 2012, p. 36).

Aí consiste uma das funções do trabalho com a literatura na escola, instigar o aluno a pensar. Para tanto, propus a roda de conversa sobre a história, procurando estabelecer com a turma uma postura aberta ao diálogo de modo que eles se sentissem encorajados a expressar suas ideias e opiniões. A estratégia de formar a roda provocou certo estranhamento do grupo e, inicialmente, alguns se recusaram a sentar no chão. Mas não demorou muito e todos estavam acomodados na “roda de conversa”. Segue abaixo um trecho da gravação dessa aula:

Pesquisadora: Por que será que a Ana Maria Machado inseriu aqui nessa história pipas, parquinho, os personagens vestidos?
Trecho inaudível (falas simultâneas) O

que levou ela a fazer isso?

Falas simultâneas. [...]

Pesquisadora: Olha, a Ana Julia tem uma hipóteses aqui. [...] Pra história ficar melhor. Mais colorida.

Aluno: Diferente!

[...]

Pedro: Até a capa da... até a capa do caderno é diferente.

Pesquisadora: Qual foi o outro detalhe que você falou?

Pedro: É, detalhe? Eu acho que você não viu isso aqui. Essa casa, cê viu?

Pesquisadora: Ah, tinha visto.

[..]

Pesquisadora: E aí, mais algum detalhe que vocês gostariam de destacar?

Falas simultâneas.

Ana Julia: Sim, eles tão (inaudível) comendo na vasilha igual gente.

(Período de intervenção: aula gravada dia 20/06/2017).

Com esse fragmento da aula, quis destacar a participação e o interesse dos alunos, pois a cada questionamento muitos falavam ao mesmo tempo, o que, inclusive, dificultou a captação de suas falas. No entanto, alguns dos propósitos foram atingidos, que eram provocar a interação, a socialização e o interesse pela leitura literária, tanto que, enquanto falávamos sobre a história, um dos alunos perguntou se eu iria contar outra história.

Após a discussão sobre a história, solicitei que os alunos fizessem um pequeno relato de opinião por escrito, cumprindo assim um dos procedimentos de produção de sentido proposto pelo letramento literário. De acordo com Paulino e Cosson,

essa interação verbal intensa, que é primeiro procedimento do ato de fazer sentido no letramento literário, envolve tanto a leitura quanto a escrita, pois entendemos que ambas são parte do mesmo processo de construção de sentidos da literatura (2009, p. 69).

Durante a explicação da atividade, enfatizei a importância de o aluno se posicionar acerca do texto lido. Iniciei lendo a questão para os alunos:

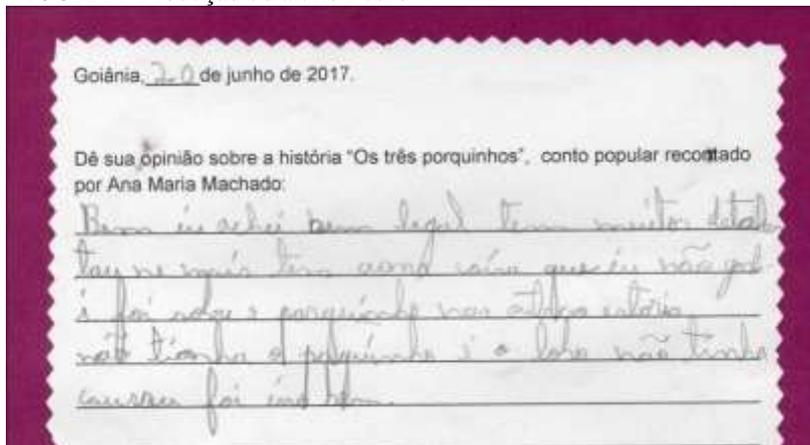
Pesquisadora: Dê a sua opinião sobre a história “Os três porquinhos”, conto popular recontado por Ana Maria Machado. Então... Vocês já falaram no grupo. Aí tem criança que fica mais tímida e não fala muito né? Mas aqui é uma oportunidade pra você falar o que você achou. Fala o que você achou da história, se você gostou. Se você não gostou também pode falar [...] Mas tem que falar por que. Não basta falar: Ah eu não gostei não! (Risos) A professora já ensinou isso pra vocês, não já? Se você não gostou, você tem que ter argumento. Você pode falar que não gostou, é sua opinião. Né? A gente não é obrigada a gostar de tudo, não é verdade? Mas aí, eu posso falar: Gostei! Por que você gostou? Então, justifica tá bom? Argumente, dê a sua opinião. E a opinião, ela é única não é? Pode até coincidir das duas terem gostado da história, mas não quer dizer que ela vai copiar a opinião dela. Não. Cada um tem a sua opinião. É a sua palavra, o seu entendimento [...]

(Período de intervenção: aula gravada dia 20/06/2017).

Veremos a seguir alguns textos produzidos a partir dessa proposta. A fim de facilitar a compreensão, faremos, quando for necessário, a transcrição digitalizada da produção escrita.

Na análise seguinte, pretendemos salientar, como nos alerta Geraldi (2015), a importância do convívio com o gênero literário como um caminho para o desenvolvimento da capacidade de expressão dos alunos. O aluno Pedro mostrou-se muito atento e participativo na roda de conversa. Na produção escrita também se destacou, posicionando-se acerca das suas preferências de leitura. Enquanto a maioria de seus colegas afirmou ter gostado do texto, no trecho destacado a seguir, é possível perceber que esse aluno deixa clara sua preferência pelo conto clássico, no qual a história geralmente se passa em uma floresta. O aluno destaca que, apesar de ter gostado da história, não gostou de alguns elementos que diferenciam esse conto da história tradicional, como a inserção de um parquinho na trama e o fato de o lobo usar uma calça (lembrando que, apesar de se tratar de um conto clássico, a obra lida com a turma é uma adaptação da autora Ana Maria Machado).

FIGURA 1-Produção do aluno Pedro



Fonte: imagem escaneada pela autora.

*Bem eu achei bem legal tem muitos detalhes mas não gostei de alguns detalhes, como o parquinho e o lobo não tinha calça.*²

Geraldi (2015) enfatiza a importância do texto literário no contexto escolar como uma prática que contribui para o desenvolvimento da autoria dos alunos em suas produções escritas. Porém, segundo o autor, o que se observa na prática é o afastamento desse tipo de texto em detrimento da inserção e diversificação de textos mais objetivos e pragmáticos, o que, por sua vez, tem contribuído cada vez mais para a produção de textos repetitivos e sem autenticidade por parte dos alunos. Geraldi postula que

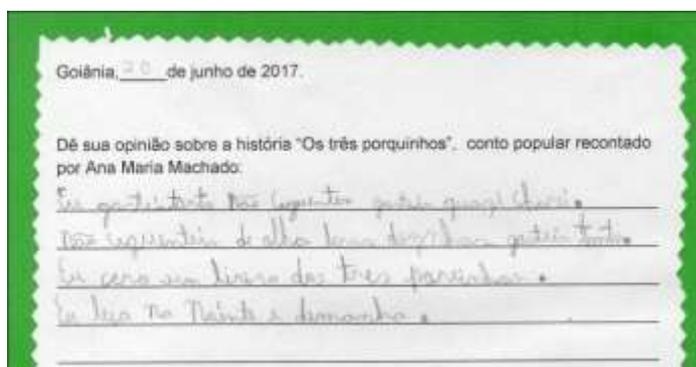
A tentativa de aproximar a sala de aula do mundo do cotidiano foi responsável pela diversificação dos gêneros de texto com que se trabalha na escola. A defesa do

² A “transgressão linguística” não é o problema aqui proposto, portanto os desvios de linguagem não compõem o foco da discussão.

emprego de textos não literários – até chamados de textos autênticos, como se as obras literárias não fossem textos autênticos (Cruz e Jouët-Patre, 1998) – acabou por produzir um distanciamento entre literatura e escola, em benefício da presença de inúmeros outros gêneros discursivos, de modo geral textos pragmáticos ou referenciais (GERALDI, 2015, p. 64-65).

Vejamos a seguir um exemplo de produção que mostra um autor que “fala e escreve”. O aluno foi capaz de se expressar por meio da escrita, revelando o quanto a história o comoveu. É possível perceber em sua escrita o quanto a história despertou nesse aluno o interesse pela leitura quando afirma que quer para ele um livro dos três porquinhos. Em uma análise desatenta quanto a este aspecto, este texto seria desconsiderado, como se a leitura realizada anteriormente não tivesse feito nenhum sentido para esse aluno.

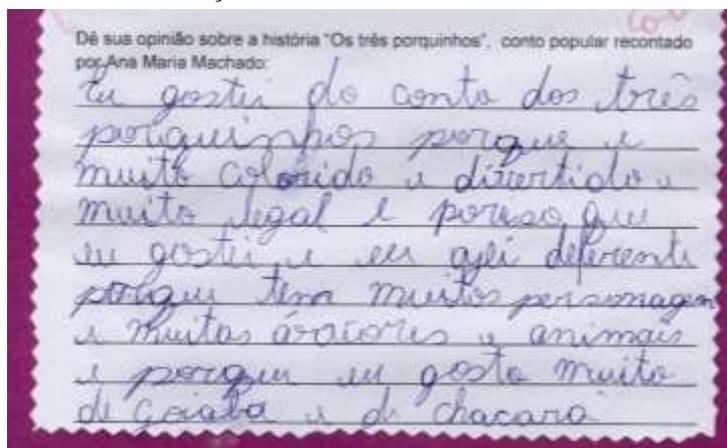
FIGURA 2- Produção do aluno Carlos



Fonte: imagem escaneada pela autora.

*Eu gostei tanto não Aguenten gostein quazi chorei.
Não Aguentein de olha broz deznhos gostein tanto. Eu
cero um livro dos três porcinhos.
Eu leio na nointe e demanha.*

FIGURA 3- Produção da aluna Julia



Fonte: imagem escaneada pela autora.

Nesse trecho, percebemos que Julia justifica seu gosto pelo conto apresentando elementos que mais lhe chamaram a atenção, como o fato de ser uma história bem colorida e diferente com

animais e árvores. No final do seu texto, ela reforça essa apreciação da história, citando o fato de gostar de goiaba e de chácara. Fica bem claro como essa aluna conseguiu relacionar fatos da história com suas vivências. Nota-se como Julia se mostra segura em sua escrita, sendo, inclusive, uma das poucas crianças a utilizar caneta para escrever. Essa segurança também foi percebida durante a entrevista em que Julia nos revela a contribuição da leitura literária em seu processo de constituição como leitora.

Pesquisadora: Julia, você acha a leitura importante?

Julia: Sim.

Pesquisadora: Por quê?

Julia: Porque ler é bom pra mente. [...]

Pesquisadora: O que você mais gosta de ler?

Julia: Conto de fadas. [...]

Pesquisadora: Agora vamos pensar lá na sua casa. Vocês tem momentos de leitura em casa?

Julia: Tem

Pesquisadora: O que vocês costumam ler?

Julia: Eu, quando chego da esco... da escola, eu faço tarefa, e depois eu assisto tevê e depois eu leio.

Pesquisadora: Entendi.

Julia: Eu leio muito livro.

Pesquisadora: Você tem muitos livros em casa?

Julia: Sim.

Pesquisadora: Fala alguns exemplos, só pra eu saber.

Julia: Tem “A bela e a fera”. Tenho a... “A princesa e o sapo”, “Cinderela”, “Branca de Neve” e tenho a... “Aurora” e só.

Pesquisadora: Ah que legal! E alguém faz leitura com você? Alguém lê pra você?

Julia: A minha mãe [...] lia pra mim quando eu tinha menos de seis. Não. Menos de cinco. Depois dos cinco eu aprendi a ler aí eu comecei a ler sozinha.

(Entrevista oral com a aluna Julia)

Os próximos textos tratam-se da transcrição dos relatos de opinião dos alunos Júlio César e Gustavo. Ambos ainda não apresentavam o domínio da escrita e, para que eles não se sentissem excluídos da proposta, pedi que eles falassem o que haviam achado do conto *Os três porquinhos* e transcrevi seus relatos:

Achei ela diferente das outras. Ela é muito boa. A parte que eu mais gostei foi quando os porquinhos fugiram do lobo. E quando eles ficaram felizes para sempre.

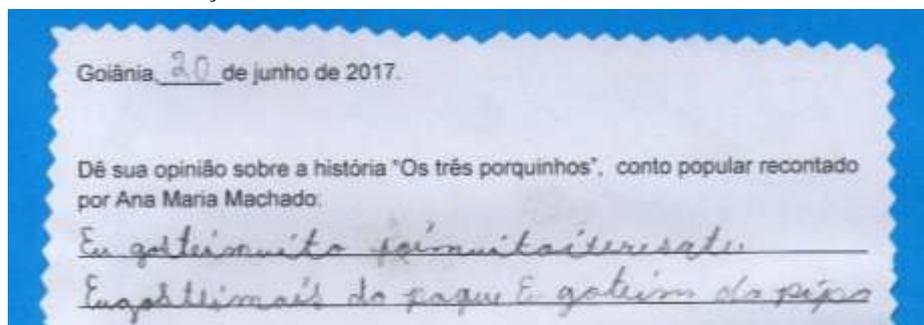
(Relato oral do aluno Júlio César)

Eu gostei de toda a história. Gostei mais ainda quando o lobo mau tentou comer eles.

(Relato oral do aluno Gustavo)

Essa é uma dificuldade constante vivenciada hoje pelos professores. Como propor atividades visando ao atendimento a todos os alunos, tendo em vista tantas e diferentes dificuldades apresentadas? Não digo que a atitude de escrever pelo aluno tenha sido a melhor alternativa nesse caso, no entanto, cabe ao professor pensar em formas de incluir esse aluno. Outra estratégia que surgiu foi solicitar que os próprios educandos se ajudassem à medida que fossem concluindo suas produções. O importante é que todos participassem. O próximo texto mostra um aluno que, apesar de apresentar uma escrita em desenvolvimento, consegue se expressar por meio das palavras.

FIGURA 4- Produção do aluno Michel



Fonte: imagem escaneada pela autora.

*Eu gostei muito foimuitoiteresate.
Eugostei mais do paque E gostei da pipa*

Ao lermos de forma atenta, percebemos que o aluno afirma ter gostado da história, achando-a interessante e que o “parque e a pipa”, elementos inseridos na narrativa pela autora, foram o que mais lhe chamou a atenção. Podemos supor que essa preferência tenha relação com seus gostos de menino no que diz respeito à sua maneira de brincar e se divertir. E cabe ao professor estar atento a esses sentidos produzidos pelos alunos. Do contrário, corre-se o risco de desconsiderar sua produção e, desse modo, contribuir para o silenciamento de sua capacidade de expressão.

Na próxima atividade, foi proposta uma ilustração do conto *Os três porquinhos*. Usando materiais diversos como cola, cartolina, palha de buriti, gravetos, entre outros, os alunos teriam que recriar o episódio da construção da moradia dos personagens. Para essa atividade, foi solicitado aos alunos que formassem três equipes. Nesse momento, dei liberdade para que eles se organizassem entre si, pois queria observar como interagiam e qual o critério utilizado na seleção dos integrantes de cada grupo. Porém, logo percebi que precisaria intervir, pois os alunos que apresentavam mais dificuldades em seu processo de aprendizagem também apresentavam dificuldades para interagir com os colegas. Inserir alguns alunos nos grupos que se formaram foi um desafio. Aliás, a organização dos grupos

em geral se revelou uma atividade bem desafiadora. Possivelmente esse era um tipo de atividade bem incomum para aqueles alunos. Vencido esse desafio, a dinâmica da atividade em um dos grupos também gerou alguns conflitos.

A aluna Ana Julia teve dificuldades para interagir com os colegas, chegando a chorar devido a divergências de opinião entre ela e os demais integrantes do grupo. Vale ressaltar que essa aluna geralmente apresentava facilidade em seu processo de aprendizagem e uma certa fluência ao realizar a leitura, sendo, por isso, constantemente solicitada pela professora para realizar a leitura em voz alta. Outra aluna que apresentou certa dificuldade de interação foi Julia. Em boa parte do tempo, foi observada uma postura de liderança dessa aluna em relação aos demais. Porém, ao perceber que, naquele momento, durante a releitura do conto, o que estava em pauta era uma atividade em grupo em que todos deveriam opinar antes e durante a realização da atividade, Julia se desentendeu com o grupo. A aluna não se dispôs a acatar o que foi acordado pela equipe. Foi necessário realizar algumas intervenções, incentivando o diálogo, a cooperação entre os alunos e, enfim, a atividade caminhou. Antes de concluir a atividade, solicitei que fizessem o registro por escrito do trecho retratado por eles, de modo que todos deveriam opinar sobre o texto, mas poderiam escolher um aluno para escrevê-lo. Durante a exposição e apresentação dos trabalhos, os grupos foram à frente e um dos alunos fez a leitura do texto produzido pelo grupo. Nesse momento, a agitação tomou conta da sala, porém, ao perceberem que estavam sendo gravados, conseguiram se concentrar e ouvir os colegas. Quanto à proposta de produção, um dos grupos produziu um reconto de toda a história, sendo que foi solicitado que retratassem apenas o trecho ilustrado. Porém, mais importante que ressaltar os resultados dessa atividade foi o percurso percorrido pela turma. Percurso recheado de barulho e confusão. Mas que, certamente, possibilitou o envolvimento, a cooperação e a construção de sentidos a partir do contato com o texto literário.

A partir do entusiasmo e interesse dos alunos demonstrados até então, resolvi trazer um conto de Diane Valdez, que, de forma muito dinâmica e criativa, atualiza e parodia o conto clássico. De acordo com Paulino, Walty e Cury (2005, p. 36), “a **paródia** é, pois, uma forma de apropriação que, em lugar de endossar o modelo retomado, rompe com ele, sutil ou abertamente” (Grifo das autoras).

Em um dia muito caloroso, iniciamos a aula com uma dinâmica, intitulada “Adivinhando o sabor...”. Em roda, escolhemos um aluno para degustar, de olhos vendados, sorvetes com os sabores dos frutos do Cerrado. Em seguida, ele teria que tentar adivinhar o sabor. Fomos alternando até que todos pudessem participar. O objetivo principal era aproximar o aluno do ambiente retratado na história que iríamos ler, no caso, o *Cerrado de*

Goiás. Foram quatro sabores de sorvete: mangaba, buriti, pequi e graviola. A atividade foi bastante divertida. A maioria aprovou os sabores experimentados, mas apenas alguns alunos conseguiram identificar o sabor do sorvete de pequi.

Após a dinâmica, partimos para a introdução com a música *Frutos da Terra*, de Marcelo Barra. Nesta atividade, foi proposto aos alunos que observassem quais os frutos foram retratados nessa música e onde poderiam ser encontrados. A maioria demonstrou conhecer a música, cantando em voz alta; alguns, com certa timidez, cantaram bem baixinho. Quando questionados sobre o lugar retratado na música, uma criança, demonstrando esperteza, disse: “No cerrado”, destacando o trecho da música que diz: “Subindo pro cerradinho”. Passada essa parte, iniciei a leitura em voz alta do livro *Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará*. Os(as) alunos(as) deram boas risadas ao perceber a inversão de papéis, no caso, o lobo sendo a vítima da história. Vibraram muito ao se depararem com expressões do tipo “veio” ou “Ô trem custoso...! Difícil demais da continha!” Nessa obra, a autora consegue essa aproximação com o leitor goiano num jogo de composição linguística que, longe de ridicularizar a cultura local, a valoriza de forma respeitosa e criativa.

Ao final da leitura, conversamos sobre a história, destacando alguns elementos como as expressões linguísticas bem características da região de Goiás, o lugar onde se passa a história, o cerrado, a substituição dos porquinhos pelos Caititus, do lobo mau pelo Lobo-Guará, a prática de realizar mutirão em ocasiões diversas, entre outros elementos. Todos eles atualizaram o conto de forma muito criativa, aproximando-o do contexto do leitor. Para Cosson, a interpretação do texto literário deve considerar a interação entre autor, leitor, bem como o contexto de produção e de leitura da obra literária. Dessa forma,

a interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto, tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido (COSSON, 2014, p. 41).

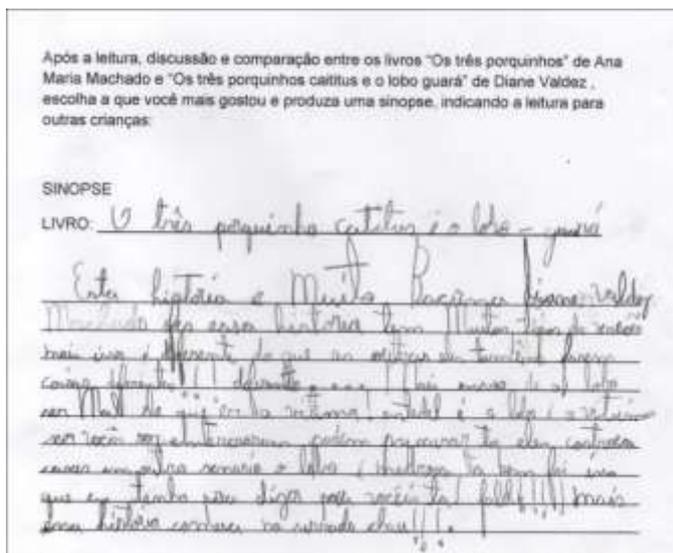
Em outro momento, dando sequência à interpretação do conto, fizemos a comparação entre as duas narrativas lidas. Percebendo o quanto as narrativas haviam dividido a opinião do grupo, sobre qual teriam gostado mais, foi solicitado que cada um fizesse uma “sinopse” do texto lido, indicando sua leitura a outras crianças.

Antes de iniciar as produções, expliquei à turma que a sinopse consiste na síntese de um livro ou filme. Logo após, exploramos algumas características de uma sinopse. Mostrei aos alunos o livro literário *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque. Perguntei se alguém conhecia esse livro e, em seguida, realizei a leitura da sinopse dessa obra, exemplificando de forma concreta

a estrutura e o objetivo desse gênero. Vale ressaltar que a intenção, ao propor esse tipo de produção, foi incentivar a capacidade de expressão e de escolha dos alunos, ao passo que, para realizar a sinopse, eles teriam a liberdade de escolher o conto que mais lhes agradou.

Seguem abaixo dois exemplos dessas produções:

FIGURA 5- Produção do aluno Pedro

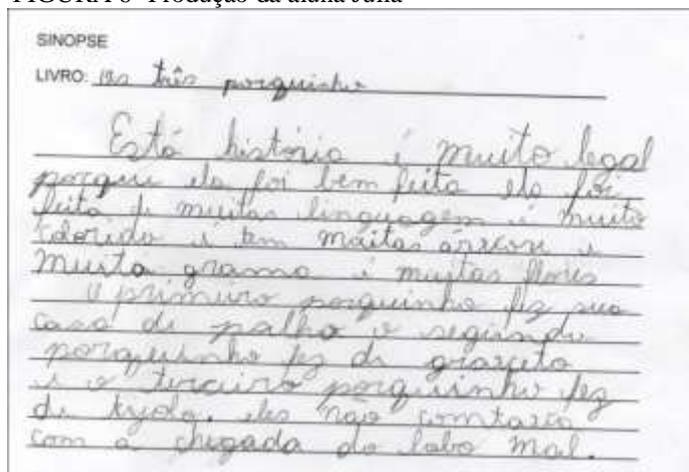


Fonte: imagem escaneada pela autora.

Os três porquinho cativos é o lobo- guará

Esta história e Muito Bacana Diane valdez fez essa historia tem Muitos tipos de verções mais esses é diferente do que as outras eles também fazem coisas deferentes!!!deferentes..... Mais emves de o lobo se Mal ele que er a vítima! entendel é o lobo é a vitimar ser vocês ser enteresarem podem prucurar ta eles costroen casas em outro senario o lobo é medroso ta bem foi isso que eu tenho pra dizer pra vocês ta!falol!!!! mais essa história comesa no serrado chau!!!

FIGURA 6- Produção da aluna Julia



Fonte: imagem escaneada pela autora.

Os três porquinho

Está história é muito legal porque ela foi bem feita ela foi feita de muitas

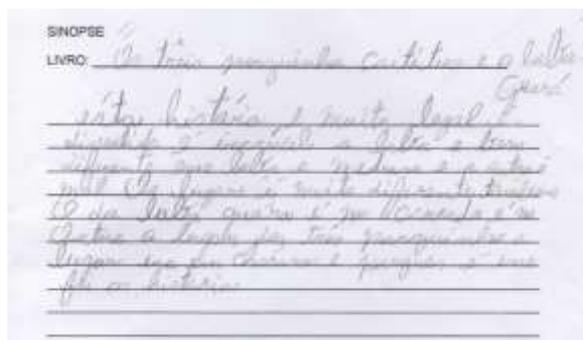
linguagem é muito colorida é tem muitas árvore e muita grama é muitas flores O primeiro porquinho fez sua casa de palha o segundo porquinho fez de graveto e o terceiro porquinho fez de tijolo. Eles não comtava com a chegada do lobo mal.

Os dois exemplos acima revelam que os alunos demonstraram boa compreensão da proposta, capacidade de sistematização e autoria ao produzirem seus textos. Nesse último exemplo, é possível notar como essa aluna foi capaz de apresentar detalhes da narrativa e concluir sua produção de forma bem sugestiva, sem revelar o desfecho da história.

A atividade de produção da sinopse se mostrou uma estratégia muito produtiva ao possibilitar a comparação entre as narrativas lidas, de modo que os alunos pararam para refletir sobre a história narrada e também sobre a composição estética da obra.

A inversão de papéis ao retratar o lobo como vítima foi, sem dúvida, o que mais chamou a atenção dos alunos.

FIGURA 7- Produção da aluna Ana Julia

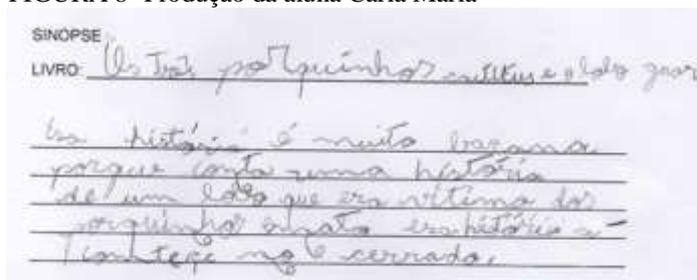


Fonte: imagem escaneada pela autora.

“Os três porquinho Caititus e o lobo Guará”

*Esta história é muito legal é divertida é incrível o lobo é bem diferente esse lobo é medroso e o outro é mal Os lugares é muito diferente também
O do lobo guará é no cerrado é no Outro o lugar dos três porquinho o lugar era em chácaras e parques é esse foi as histórias
Ana Julia*

FIGURA 8- Produção da aluna Carla Maria



Fonte: imagem escaneada pela autora.

“Os três porquinhos caititus e o lobo guará”

*Esa história é muito bacana
porque conta uma história*

*de um lobo que era vítima dos
porquinhos emato esa história aconteçe no cerrado.*

Outra atividade proposta a partir da leitura desse livro foi a ilustração do cenário onde se passa a história, o Cerrado, ao som da música *Frutos da Terra*.

FIGURAS 9 e 10- Desenho dos(as) alunos(as) Ana Luíza e Júlio César



FIGURAS 11 e 12- Desenho dos(as) alunos(as) Emile e Luan.



Fonte: imagens escaneadas pela autora.

Ao realizar as ilustrações, os alunos destacaram elementos marcantes do cerrado goiano, com seus ipês rosa e amarelos, árvores frutíferas e um sol escaldante, representado na cor vermelho-alaranjado. Com essa atividade, percebemos que, mesmo não abordando de forma didática os aspectos que compõem o Cerrado, os alunos conseguiram assimilar as características desse bioma, a partir da troca de ideias com os colegas mediante o contato com a obra literária, confirmando assim o que nos diz Abramovich (1997, p. 17) sobre a importância das histórias:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos [...] É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo).

Enquanto seus colegas representavam o cenário onde se passa a história de Diane Valdez, o aluno Carlos fez um desenho muito criativo ao retratar, imagino, a cena em que os

porquinhos se veem perdidos ao terem suas casas derrubadas pelo lobo, recorrendo ao irmão mais velho, tido como o mais prudente e sábio. Enfim, assim como o texto, as imagens também possibilitam várias interpretações. Mas é interessante observar que, apesar de usar o título do conto contemporâneo *Os três porquinhos Caititus e Lobo-Guará*, a ilustração mais parece representar o conto clássico *Os três porquinhos*, talvez isso se justifique pela sua preferência por esse conto.

FIGURA13- Ilustração do aluno Carlos



Fonte: imagem escaneada pela autora.

Esse interesse pelo conto clássico pode ser verificado em suas próprias palavras ao opinar sobre a narrativa:

*Eu gosteintanto não Aguenten gostein quazi chorei.
Não Aguentein de olha bros deznhos gostein tanto. Eu
cero um livro dos três porcinhos.
[...]*

As intervenções realizadas com essa turma se mostraram muito significativas, visto que, mesmo apresentando grandes dificuldades em seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita, esses alunos mostraram-se capazes de interagir com o texto, a partir do seu conhecimento de mundo. Os alunos realizaram as atividades com grande entusiasmo e, mesmo os que tiveram dificuldades, mobilizaram-se pedindo auxílio à pesquisadora ou formando pequenos grupos.

Isso pôde ser notado durante o diálogo sobre a história, quando falávamos sobre a prática do mutirão realizada pelos porquinhos durante a construção das casas, e um dos alunos disse que lá mesmo na sala de aula eles sempre fazem mutirão para mantê-la organizada, ou quando abordamos a extinção do lobo-guará, alguns demonstraram saber o significado dessa palavra, inclusive, citando outros animais que correm o risco de extinção. Além dessas atividades,

outras foram surgindo, como a leitura de outras obras envolvendo o personagem “lobo”, visto que os alunos se mostraram bem interessados ao perceber como este personagem pode ser retratado em diferentes versões, segundo o ponto de vista do autor.

3 A leitura literária para além do contexto escolar: a importância da inserção das famílias em um projeto de formação de leitores

Nesse tópico, abordaremos a importância da parceria entre escola e família para a formação leitora dos alunos, visto que um dos princípios que guiam o letramento literário diz respeito à formação de uma comunidade de leitores. As propostas de atividades mencionadas nessa seção foram desenvolvidas no decorrer do mês de agosto de 2017.

No dia 07 de agosto, dando continuidade ao trabalho com a leitura literária, de forma breve, retomamos as histórias abordadas. Em seguida, apresentei a capa do livro *Procura-se lobo*, de Ana Maria Machado, ressaltando o fato de esta obra fazer intertextualidade com muitas outras histórias que também abordam o personagem “lobo”, porém, de maneiras diferentes. Segundo Paulino, Walty e Cury (2005, p. 54),

toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associações desse texto do momento com outros já lidos. [...] Os textos, por isso, são lidos de diversas maneiras, num processo de produção de sentido que depende do repertório textual de cada leitor, em seu momento de leitura.

Nesse dia, disponibilizei aos alunos várias histórias entre livros ou apenas o texto fotocopiado, dentre elas: *Chapeuzinho Vermelho*, *O lobo de Gubbio*, *Loba Romana*, *Chapeuzinho Amarelo*, *Lobisomem*, *O lobo e os sete cabritinhos*, *Os três porquinhos*, *Lobo em pele de cordeiro* e *Pedro e o lobo*. Com essa proposta, os alunos tiveram a oportunidade de ampliar seu repertório de leitura, além de vivenciar essa experiência com seus familiares. No método proposto por Cosson (2014), essa etapa pode ser definida como “intervalo”, a qual pode ser exemplificada da seguinte maneira:

Um exemplo é a leitura de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior, funcionando como uma focalização sobre o tema da leitura e permitindo que se façam aproximações breves entre o que já foi lido e o novo texto. [...] Não se faz necessário que todos os alunos tenham lido a mesma quantidade de páginas ou capítulos, mas é importante que a atividade seja pertinente com a leitura efetiva feita pela maioria dos alunos (COSSON, 2014, p. 63).

Expliquei à turma que a distribuição das histórias se daria em dois momentos e por meio de sorteio, pois dessa maneira todos teriam a oportunidade de levar para casa duas histórias diferentes, alternando entre o livro literário e a fotocópia. Essa estratégia foi

necessária pelo fato de não termos livros em número suficiente, por se tratar de histórias específicas sobre o personagem “lobo”. Para a realização dessa atividade, conversei anteriormente com a coordenadora pedagógica, solicitando o empréstimo dos livros. Antes de entregar os sete livros encontrados, a coordenadora fez algumas recomendações. Seria necessário comunicar os pais sobre o empréstimo de livros, alertando-os sobre a necessidade de devolvê-los em ótimo estado de conservação, caso contrário, se porventura o livro sumisse ou retornasse rasgado, os pais teriam que arcar com os prejuízos, comprando outro exemplar. Desse modo, fiz o bilhete informando aos pais que a referida proposta de leitura literária fazia parte da pesquisa de mestrado. Ressaltei a importância da participação da família no incentivo à formação do aluno leitor e que era preciso devolver o material para que todos pudessem participar da atividade. No entanto, preferi assumir o risco, não fazendo grandes ressalvas quanto ao empréstimo dos livros, de modo a preservar o bom andamento das atividades propostas.

Importante ressaltar que nem todos os alunos realizaram as atividades propostas, alguns poucos devolveram a folha em branco, mesmo assim, podemos dizer que foi uma atividade significativa, com boa participação dos familiares.

A turma em geral mostrou-se empolgada com a atividade. O aluno Carlos ficou tão interessado pela história *Lobisomem* que não conteve as lágrimas ao perceber que outro aluno havia sido sorteado para levar esse livro. Durante a distribuição das histórias, outros conflitos surgiram e, no intuito de minimizar a insatisfação desses alunos, permiti que eles trocassem as histórias entre si, conforme o interesse de cada um. Essa foi uma excelente alternativa para Carlos, que, sem dificuldade, conseguiu trocar o seu texto pela história do lobisomem. A troca de livros entre eles ajudou, mas não resolveu todos os problemas. A aluna Yara foi sorteada para levar para casa a fábula *O lobo e o cordeiro*, mas queria muito levar um livro e, não conseguindo fazer a troca com outro colega, ficou muito insatisfeita e se recusou a levar a fábula. Tentei contornar a situação, lembrando que na semana seguinte ela levaria o livro, mas, ainda assim, ela manteve sua postura. Por fim, respeitei sua decisão de não levar o texto naquele dia. Já o aluno Júlio César foi sorteado para levar um dos livros mais cobiçados pela turma, *Chapeuzinho Vermelho*, porém, nesse dia deixou ou esqueceu o livro debaixo da carteira. Junto ao livro/texto foi para casa uma proposta de atividade a ser realizada com a família. Nessa atividade, a família deveria registrar, por escrito, como se deu o momento de leitura literária em família, e os alunos deveriam ilustrar o que acharam de interessante ao ler ou ouvir a história. Destaco em seguida a importância de proporcionar atividades que visem à inserção das famílias em propostas que favoreçam experiências significativas com a leitura.

Veremos, a seguir, algumas atividades desenvolvidas durante a pesquisa, as quais ilustram o envolvimento entre os participantes a partir do contato com a obra literária, aspecto fundamental na formação do aluno leitor.

FIGURA 14- Atividade produzida pelo aluno Gustavo e sua família



Fonte: imagem escaneada pela autora.

Eu achei muito legal e pra min foi um experiência muito boa assim Eu pude ver que ele tem muita dificuldade para ler e sei que essa leitura serar muito bom para ele e que assim vai ajuda mais no escino dele e que sempre vem atividades assim...

FIGURA 15- Atividade produzida por Ana Julia e sua família



Fonte: imagem escaneada pela autora.

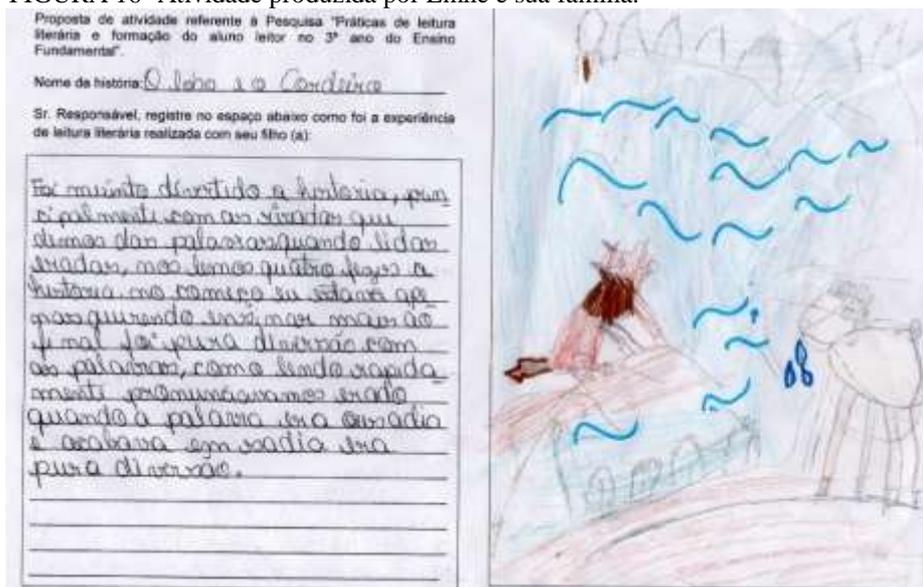
A experiência foi ótima, pois é uma forma de melhorar a convivência, de brincar, de dedicar um tempo a mais para minha filha.

Além de estimular a leitura que é algo muito importante em nossa vida.

Nesses relatos, percebemos o quanto esses sujeitos valorizaram a atividade proposta, reconhecendo sua importância para o desenvolvimento de seus(suas) filhos(as). Esses exemplos confirmam uma das asserções geradas no decorrer da pesquisa, que previa que “o envolvimento e a parceria entre família e escola tenderão a colaborar de forma significativa para o estímulo à leitura literária nessa etapa da educação básica”.

Já na atividade seguinte, produzida por Emile e sua família, é possível perceber o modo como eles se divertiram com a leitura literária. O responsável afirma: “No começo eu estava apenas querendo ensinar mais ao final foi pura diversão com as palavras, como lendo rapidamente pronunciávamos errado quando a palavra era ousadia e acabava em sadia era pura diversão” (Relato escrito). Por meio desse relato, podemos presumir que inicialmente essa pessoa tentou abordar a história de forma didática, como ela própria aprendeu em seu processo de escolarização, buscando algo a ser ensinado. Mas percebeu que a leitura literária pode propiciar alegria e diversão, indo muito além do ensinamento de normas e condutas. Como nos diz Abramovich (1997, p. 24), “ouvir histórias é um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução...” E tal prática pode seduzir igualmente adultos e crianças. Daí a necessidade de disponibilizar aos alunos e suas famílias a riqueza proporcionada pelo mundo da Literatura Infantil.

FIGURA 16- Atividade produzida por Emile e sua família.



Fonte: imagem escaneada pela autora.

Foi muito divertida a história, principalmente com as risadas que demos das palavras quando lidas erradas, nós lemos quatro vezes a história, no começo eu estava apenas querendo ensinar mais ao final foi pura diversão com as palavras, como lendo rapidamente pronunciávamos errado quando a palavra era ousadia e acabava em sadia era pura diversão.

Já a próxima produção, feita pela aluna Carla Maria e sua mãe, exemplifica a influência positiva exercida pela família no incentivo às práticas de leitura. O relato da mãe parece demonstrar alguém que tem consciência da importância das práticas da leitura no desenvolvimento humano.

FIGURA 17- Atividade produzida por Carla Maria e sua família



Fonte: imagem escaneada pela autora.

Segue a transcrição do texto:

Chapeuzinho Amarelo

É uma história emgraçada e ao mesmo tempo nos mostra que as vezes temos medo de algo que nem existe...

Que realmente quando estamos de frente dos medos que sentimos já não é tão assustado o quanto parecia.

A leitura Abre nossa mente, desenvolve a mente das pessoas

Amo ler, é um robe em minha vida leio todos os dias.

e Ensino as minhas filhas incentivo elas estudar, ler livros etc

(Relato escrito pela mãe da aluna Carla Maria).

Já a atividade seguinte é dessa mesma aluna, que, durante o desenvolvimento da pesquisa, mostrou-se uma criança muito tímida. Nem por isso deixou de revelar seu interesse pela leitura, o que foi perceptível em três momentos. Primeiro, quando fizemos o reconto da história *Os três porquinhos Caititus e Lobo-Guará* com a leitura de alguns trechos pelos alunos e, mesmo com o tom de voz extremamente baixo, não se recusou a ler para turma. Em outro momento, me pediu o livro emprestado e voltou ao seu lugar. Após rever a história rapidamente, realizou um pequeno resumo dela, ilustrando-a em seguida, isso enquanto dialogávamos sobre ela na roda de conversa. Nota-se que, mesmo com o livro em mãos, a aluna fez o registro com suas próprias palavras. Esse evento nos ilustra o quanto a presença do texto literário tanto em casa como na escola pode ser um valioso instrumento para suscitar nos alunos o interesse pelas práticas de leitura e escrita. Segue o texto produzido pela referida aluna:

Os três porquinho

Era uma ves uns porquinhos

*Os três dise pros pais delis
que ia inbora é erles arrumaran a
mala é foram inbora
é aparesel uma mulher
com varias palhas vários
tejolo
varias madeiras
o premeiro feis uma de
tejoulos o segundo de palha e
o terceiro madeira*

FIM

(Período de intervenção- produção textual da aluna Carla Maria)

Outro momento em que poderíamos destacar o interesse dessa aluna pela leitura literária foi quando a entrevistei:

Pesquisadora: Carla Maria, é... Você acha a leitura importante?
Carla Maria: Sim.
Pesquisadora: Por quê?
Carla Maria: Porque eu gosto de ler.
Pesquisadora: Você gosta, então, de ler?
Carla Maria: Gosto.
Pesquisadora: Por que mais que a leitura é importante?
(Silêncio)
Pesquisadora: Qual a importância da leitura na sua vida?
Carla Maria: Porque eu gosto de histórias.
Pesquisadora: E, você é participativa? [...]
Carla Maria: Hum... Às vezes.
Pesquisadora: Às vezes. Por quê?
Carla Maria: Porque eu fico com vergonha.
Pesquisadora: Então vamos falar sobre os momentos de leitura lá na sua casa. Então, tem os momentos de leitura na sua casa?
Carla Maria: Não, eu leio quando eu quero, mais quando eu tô brincando.
Pesquisadora: Ah você lê quando tá brincando? Sozinha ou com alguma pessoa? **Carla Maria:** Sozinha.
[...]
Pesquisadora: Mas tem livros na sua casa?
Carla Maria: Tem três.
Pesquisadora: Quais são? Você lembra o nome deles?
Carla Maria: [...] De Português, de Ciências e de matemática.
[...]
Pesquisadora: E livros de leitura literária, histórias, conto de fadas, não tem não?
Carla Maria: hum, mais. Não mais tem... é lá no caderno de, do ano passado.
(Entrevista oral com a aluna Carla Maria)

Pelo que podemos ver, essa aluna demonstra uma relação de prazer com a leitura, tanto que a inclui em seu momento de lazer e entretenimento, durante as brincadeiras.

Esse gosto e busca pela leitura literária também foram evidenciados com o aluno Pedro, que durante a pesquisa se mostrou muito interessado pelas atividades de leitura, como pode ser visto no trecho da entrevista feita com ele:

Pesquisadora: Você acha que a leitura é importante?

Pedro: Acho.

[...]

Pesquisadora: Porque que ela é importante?

Pedro: Por causa que nós temos que saber ler pra...assim... assim, pra nós pensar.. Pra nós conseguir, assim, saber...

Pesquisadora: Pode falar. Pode ficar tranqüilinho, não precisa ficar com vergonha não.

Pedro: Tá bom. Pra nós saber o que tá escrito entendeu?

Pesquisadora: Isso. Tá bom. É... e você gosta de ler?

Pedro: Gosto. Muitas vezes quando eu tô lá nas ruas com a minha mãe, é eu fico lendo aquelas placas.

Pesquisadora: Ah você gosta de ler as placas? Legal! Aí você ajuda a sua mãe a se orientar né?

Pedro: Uhum.

Pesquisadora: E o que você gosta de ler mais?

Pedro: Nomes de animais.

Pesquisadora: Nomes?

Pedro: Uhum de animais.

Pesquisadora: Hum.

Pedro: Ô desculpa. É textos. Textos.

[...]

Pesquisadora: Tem algum momento, em que a professora propõe alguma leitura na sala e que você gosta bastante? Alguma atividade envolvendo a leitura?

Pedro: Sim.

Pesquisadora: Qual?

Pedro: É... Ah é que eu esqueci... É uma...é... Cadê? Eu esqueci qual é o nome? É só um...É um que eu gosto muito que tá no meu caderno.

Pesquisadora: Uma atividade?

Pedro: Não. Um texto.

Pesquisadora: Ah um texto que ela deu e que você gosta?

Pedro: Gosto. Às vezes eu leio ele.

[...]

Pesquisadora: Ah então não tem livros de historinhas na sua casa?

Pedro: Tem. Só às vezes...às vezes na noite.. Eu pego lá os cadernos do meu irmão de histórias que de manhã ele traz alguns livrinhos lá e aí eu fico lendo.

(Entrevista oral com o aluno Pedro)

Como vimos, o empréstimo de livros não acontece, os momentos de leitura literária em sala de aula são raros. Até mesmo quando há interesse por parte do educando, a prática da leitura literária ocorre em momentos esporádicos e de forma fragmentada. Precisamos refletir sobre isso. O acesso à literatura por todas as pessoas precisa ser encarado e compreendido como um direito essencial para a formação humana, portanto, indispensável a todos os sujeitos (CANDIDO, 2011). Precisamos buscar meios de garantir sua fruição.

Em outra atividade, a família destaca a importância das práticas de leitura como possibilidade de interação e troca de experiência.

Na atividade realizada por Carlos e sua família, podemos destacar que a atividade despertou no aluno o interesse pela leitura, lembrando que esse aluno chegou a chorar com a possibilidade de não levar para casa o livro *Lobisomem*. Segundo o relato seguinte, a atividade:

Foi muito produtiva ele já sabia da historia e me contou também ele gosta de historias, apesar que não tem paciência, mas com insistência, ele se concentra foi muito bom

(Período de intervenção- relato escrito por um familiar do aluno Carlos).

Percebe-se que ao mesmo tempo que ela afirma que seu filho gosta de história, enfatiza também que ele não tem muita paciência. Vale lembrar que, quando em entrevista, questionei esse aluno sobre suas preferências de leitura, e ele demonstrou uma noção muito vaga em relação aos textos de ficção, referindo-se à leitura de maneira bem utilitarista. Tal questão deve nos fazer refletir sobre a abordagem (ou a falta dela) do texto literário em sala de aula. É preciso que haja espaço para a obra de ficção em todas as etapas do ensino básico.

O próximo relato foi interessante, pois fez valer o título da atividade “Leitura literária em família”:

Olha a experiencia da leitura foi ótima, juntamente com o pai Guilherme a mãe Estela e o meu neto Marcus Vinícius sou a avó Selma. Ficamos maravilhados com a transformação do Personagem da história, além da transformação, observamos o uso da matemática dentro da leitura. Foi maravilhosa está tecnica é boa demais. Pois só assim a família faz mais parte na vida educacional do aluno (a)
Parabéns por está iniciativa
Obrigada.

(Período de intervenção- relato da avó do aluno Marcus Vinícius)

Esse relato me fez pensar no quão rico pode ser esse encontro com o texto literário, a partir da troca de experiência entre adultos e crianças, como destaca Azevedo:

É riquíssimo imaginar um cenário onde, juntos, adultos e crianças – em casa, numa sala de aula, seja onde for – possam trocar ideias e impressões sobre assuntos diante dos quais ninguém, seja qual for a faixa etária, pode “ensinar”. Neste cenário, só é possível compartilhar experiências. Suspeitar ou sugerir, por outro lado, que crianças não tenham experiência de vida suficiente a ser compartilhada com adultos é ignorar a existência humana concreta (2004, p. 44).

Acredito que esses e tantos outros pais poderão se conscientizar ainda mais da importância da leitura literária para a formação do leitor desde que a escola cumpra com êxito sua tarefa, o que pressupõe a construção e execução de um projeto de incentivo à leitura envolvendo toda a comunidade escolar.

Para tanto, faz-se necessário envolvimento, compromisso, engajamento de todo o coletivo, desde a construção da Proposta Político-Pedagógica até a sua implementação no decorrer do ano letivo. Sobre essa questão,

as discussões atuais em torno do fazer pedagógico são unânimes em afirmar que a construção de uma proposta pedagógica, legitimada como o documento norteador de todo o trabalho na escola, é imprescindível quando se pretende alcançar uma educação de qualidade (BARBOSA; HORN, 2008, p. 43).

Contudo, na prática escolar diária, observa-se grande desarticulação entre o que é proposto e o que de fato é colocado em prática. Para Barbosa e Horn (2008, p. 43), “isso ocorre porque não existe uma identidade pedagógica nem tampouco um planejamento compartilhado entre os professores”.

Essa desarticulação foi confirmada na Escola Campo, quando, em entrevista, a professora afirmou não ter conhecimento de um projeto sobre o estímulo à leitura previsto nesse documento. Segue um trecho da entrevista:

Pesquisadora: Bom, essa eu já te perguntei né, sobre o empréstimo de livros. Não acontece. Tá. É... analisando né, o Projeto Político Pedagógico da escola, eu verifiquei que lá tem um projeto em comum né com o nome “Projeto Sala de leitura: Estímulo ao prazer em ler e a curiosidade em aprender” é... você tem conhecimento...

Professora: Não.

Pesquisadora: Desse projeto?

Pesquisadora: Não? Então tá. Eu iria te perguntar se era colocado em prática, mas então você nem...

Professora: A gente não tem nem acesso a esse projeto.

Pesquisadora: Então vocês não participam da elaboração da PPP?

Professora: Não. A gente não participa. Quando teve a primeira reunião no, pra começar o ano letivo foi falado que fulano, fulano e fulano iam sair da reunião porque iam elaborar algumas coisas para o PPP.

Pesquisadora: Entendi.

Professora: Eu fui uma das que questioneei: Por que que é só fulano, fulano e fulano que participa? Aí, o diretor, no caso foi e falou que não, que às vezes era, eles ficavam aqui até as 10 horas da noite e que nem todo mundo queria participar porque tinha que ficar.

Pesquisadora: Porque tem o planejamento coletivo né?

Professora: Eu falei, ué porque que não se faz a tarde? A gente tem o horário, tem o planejamento por mês porque não pode ser?

Pesquisadora: Pois é.

Professora: Aí eu fui vista como maldosa.

Pesquisadora: Entendi.

Professora: Eu nunca li esse projeto, eu vou até (inaudível) porque eu vou cobrar as coordenadoras pra ver se... talvez eu posso ler né.. Porque eu não sabia. Então não pergunta nada a respeito porque...

(Entrevista oral com a professora)

Na entrevista, fica clara a não participação do coletivo na construção desse documento, o que inviabiliza a superação das dificuldades vivenciadas pelos sujeitos dessa instituição.

Pesquisadores como Veiga (2013, p. 15) ressaltam a importância do envolvimento de toda a comunidade escolar e, para que isso seja possível, enfatiza a necessidade de “propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente”, o que requer o compromisso de todos na reflexão, discussão e busca de alternativas para os problemas enfrentados pela escola. Porém, além disso, faz-se necessária a descentralização das políticas públicas dirigidas à educação, conferindo à escola maior autonomia na busca por um ensino público de qualidade.

Nessa mesma direção, Barbosa e Horn (2008) enfatizam que é necessário envolver professores, diretores, coordenadores, alunos, pais e demais funcionários da instituição na construção do Projeto Político-Pedagógico, mas na prática observa-se que até mesmo o corpo docente é representado por uma minoria quando se trata da participação na construção desse documento.

Segundo Kramer 1997 (apud BARBOSA; HORN, 2008, p. 43), “uma proposta pedagógica sempre contém uma aposta, não sendo um fim, mas um caminho que se constrói no (ou ao) caminhar”. Por isso, seu planejamento deve ser flexível e democrático na tomada de decisões que envolvam o fazer pedagógico. Além disso, é fundamental compreendermos esse documento como um instrumento que leve em consideração as necessidades e interesses da comunidade escolar, desvelando, assim, os objetivos a serem atingidos e os sujeitos que fazem parte desse processo. A construção desse instrumento a partir dessa perspectiva demanda uma nova concepção de ensino em que o conhecimento “não é verdade imutável, mas algo transitório, inacabado, imperfeito e em contínua pesquisa” (BARBOSA; HORN, 2008, p. 35).

Na obra *Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível*, Mello, Braga e Gabassa (2012) ressaltam a importância do diálogo igualitário entre os sujeitos na tomada de decisões que envolvem o fazer pedagógico, porém destacam que

dialogar para construir melhores possibilidades para todas as pessoas pressupõe abrir mão dos esquemas comunicativos automáticos, pois eles trazem em si as hierarquias históricas das interações, bem como a mentalidade de que algumas pessoas valem mais do que outras (pela posição que ocupam na sociedade e que coincidem com as pessoas que já estão mais protegidas socialmente) (MELLO; BRAGA; GABASSA, 2012, p. 48).

Dessa forma, defendem que as decisões a serem tomadas devem considerar a força dos argumentos colocados por cada um a partir de seu conhecimento e experiência de vida,

tendo como eixo as necessidades e interesses do grupo. Baseando-se em Freire e Habermas, entendem o diálogo igualitário como “tomada de posição no mundo, recusando os lugares de privilégio” e assumindo assim compromisso com a transformação da sociedade (MELLO; BRAGA; GABASSA, 2012, p. 48).

Daí a importância de dar voz e ação aos sujeitos envolvidos nesse processo, sendo a construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico um momento oportuno para criar estratégias de ensino mais eficientes e significativas.

4 Compartilhando a leitura dentro e fora da escola

A socialização das experiências de leitura literária em família, entre os colegas da turma e a pesquisadora se deu com a dinâmica intitulada “Embolada literária”, realizada no dia 15 de agosto.

Formamos um círculo no pátio e, ao som de algumas cantigas de roda, fizemos uma adaptação da brincadeira “Batata-quente”. Desse modo, passariam a bola adiante até a música parar. Nesse instante, quem estivesse com a bola faria um pequeno relato, socializando com os colegas a leitura realizada com sua família. Inicialmente, alguns alunos apresentaram certo receio ao fazer o relato, pois sabiam que suas falas seriam gravadas. Por outro lado, um pequeno grupo de alunos mostrou-se muito disperso, preferindo brincar e correr pelo pátio a participar da dinâmica. Em alguns momentos, foi necessário parar a atividade e conversar com esses alunos para que colaborassem.

Com a realização da dinâmica, percebi que muitos alunos apresentam dificuldades para expressar suas ideias, o que pode sugerir a pouca familiaridade com atividades que explorem o desenvolvimento da oralidade, como se pode ver a seguir:

Gustavo: [...] Ah não tia! Eu não lembro da minha história não. [...] É grande demais!

Pesquisadora: Como era o lobo de sua história?

Gustavo: Era mau!

Pesquisadora: Ah, então tá bom.

(Período de intervenção- relato do aluno Gustavo durante a dinâmica “Embolada literária”).

No próximo exemplo, percebi que até mesmo a aluna Julia, que já havia demonstrado ser uma criança bem desinibida, se mostrou pouco à vontade diante da ideia de se expor perante o grupo. Foi preciso encorajá-la, fazendo-lhe alguns questionamentos para que

conseguisse relatar aos colegas um trecho de sua história:

Julia: [...] Tia, eu não sei o que vou falar.
Pesquisadora: Qual é... Qual foi a história que você levou?
Julia: Chapeuzinho Vermelho.
Pesquisadora: E aí?
Julia: Ai tia, tem que falar?
Pesquisadora: Como é o lobo dessa história?
Julia: Ah, ele é marrom, né tia?
Pesquisadora: O que mais?
Julia: Ai tia...
Pesquisadora: O que aconteceu na história?
Julia: O lobo correu atrás da Chapeuzinho Vermelho e quando chegou na casa da... Ai. Da vó da Chapeuzinho Vermelho...
Pesquisadora: Isso mesmo!
Julia: Da vó da Chapeuzinho Vermelho. O lobo Guará... O lobo... Comeu? Eu não lembro. É, comeu. E aí chegou a Chapeuzinho vermelho. Aí ela descobriu que a vó não era a vó dela. Era o lobo.
(Período de intervenção- relato da aluna Julia durante a dinâmica “Embolada literária”).

Percebe-se nesse trecho a dificuldade na construção de sentidos a partir das histórias lidas, mesmo em se tratando de uma aluna que, segundo a opinião do grupo, apresenta muita facilidade em seu processo de escolarização. Tal fato evidencia a necessidade de contemplar, no planejamento da aula, maior espaço para as atividades lúdicas e desafiadoras que explorem a capacidade de comunicação e expressão dos alunos. E levando em conta as características do texto literário, este muito tem a contribuir para a formação desse aluno. Dessa maneira,

a Literatura, o discurso poético e ficcional, quando respeitadas suas características, entre as quais, resalto mais uma vez, incluo a possibilidade de poder abordar o contraditório, permite a identificação emocional entre a pessoa que lê e o texto e, assim, pode representar, dentro ou fora da escola, um precioso espaço para que certas especulações vitais – feitas pelo leitor, seja consigo mesmo, seja com outras pessoas – possam florescer (AZEVEDO, 2004, p. 44-45).

Já no relato a seguir, percebe-se a desenvoltura de uma criança que, por fazer parte de uma família que valoriza as práticas de leitura, se sente mais confiante e segura diante desse tipo de atividade:

Eu achei muito boa essa história por causa que o lobisomen vira muitas... muitos animais. E também tem muita matemática nisso... E, ele vira borboleta, leão, ganha batalhas. Gavião... ele vira também. É só...
(Relato do aluno Marcus Vinícius durante a dinâmica: Embolada Literária)

Chamou-me a atenção nessa fala a maneira como esse aluno se mostrou à vontade diante do grupo, confirmando o que disse sua avó Selma sobre o envolvimento de toda a família em torno da leitura literária. Esse exemplo confirma mais uma vez como a família

pode contribuir para a formação do gosto e interesse pela leitura.

O relato a seguir é de uma aluna que, naquele momento, apresentava muitas dificuldades em seu processo de aquisição da leitura e da escrita:

Minha história foi dos três porquinhos. É... O primeiro porquinho comprou palhas pra fazer sua casa de palha. Ele construiu. E o ter... E o segundo fez a sua casa de madeira. E o terceiro fez a sua casa de tijolo. Aí o lobo... o lobo foi lá e assoprou...[...] o lobo assoprou a casa do primeiro porquinhos e depois ele... Assoprou e assoprou e conseguiu, é... assoprar. E no Se... Ter... Segundo, ele assoprou, assoprou, assoprou e conseguiu assoprar. E no ter... No terceiro, ele não conseguiu assoprar. E essa história foi muito legal.

(Relato da aluna Yara durante a dinâmica: Embolada Literária)

Mesmo estando insegura diante da situação, Yara aceitou o desafio e conseguiu participar da dinâmica e isso foi, a meu ver, algo muito positivo, pois a formação do leitor pressupõe esforço e dedicação. Não se forma um leitor da noite para o dia.

Daí a necessidade do exercício continuado da leitura para alcançar resultados cada vez mais eficientes. Em outras palavras, quanto mais o indivíduo estiver exposto aos estímulos da cultura livresca, melhor leitor ele será e, conseqüentemente, um ser humano mais rico, por somar os conhecimentos que traz da experiência oral empírica àqueles que a escrita pode lhe oferecer (AGUIAR, 2011b, p. 247).

Por isso a defesa de que as práticas de leitura literárias devem fazer parte do cotidiano dos alunos, envolvendo alunos, professores e suas famílias. De acordo com Azevedo (2004), um dos desafios em torno da formação do leitor em nosso país consiste no fato de muitos professores apresentarem uma concepção ingênua e idealista em torno da leitura e da literatura.

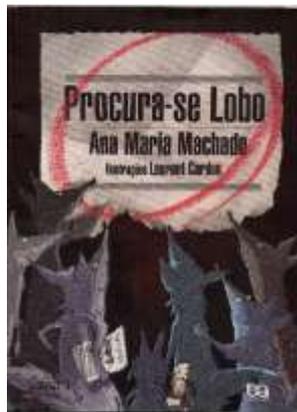
Falam em algo “mágico”, num prazer “indescritível, referem-se a “viagens” e coisas assim. Raramente, porém, talvez por não terem experiência, lembram-se de comentar, por exemplo, que a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação (AZEVEDO, 2004, p. 38).

Nessa mesma direção, Souza, R. (2004, p. 81) considera que “o gosto pela leitura se constrói por meio de um longo processo em que sujeitos desejanter encontram nela uma possibilidade de interlocução com o mundo”, por isso a importância do professor como agente propositor de estratégias significativas que contribuam para suscitar no leitor iniciante o interesse pela leitura literária.

No dia 22 de agosto, convidei os alunos para irmos à biblioteca e lá fizemos a leitura do livro *Procura-se lobo*, de Ana Maria Machado. Antes de iniciar a leitura, pedi que

observassem atentamente a capa do livro e fizessem algumas previsões acerca do que ocorreria no conto de Ana Maria Machado. Alguns arriscaram seus palpites. Em vários momentos, foi necessário pedir que respeitassem as falas dos colegas, que falassem um de cada vez. Segue a capa do livro e, em seguida, o trecho da discussão:

FIGURA 18- Capa do livro: *Procura-se lobo* de Ana Maria Machado



Fonte: site de Ana Maria Machado (bit.ly/2Mc512S).

Pesquisadora[...] O que vocês acham que vai acontecer na história “Procura-se lobo”? Dá uma olhada na capa. O que essa capa sugere? O que faz vocês imaginarem? [...] Peraí, só ele que eu quero ouvir agora.

Pedro: Eu acho que nesse livro “Procura-se lobo” vai falar de várias espécies desses... de lobos. Que vários lobos vão ser [...] tipo o, Pedro e o lobo, lobo de Gubbio, Chapeuzinho Amarelo, tipo esses lobos.

Pesquisadora: Entendi. [...] Júlio César, quer falar?

Júlio César: Não.

Pesquisadora: Ah, então por favor, vamos ouvir.

Ana Luíza: Eu também acho que vai ter muita aventura. E... e vai ter muitos lobos.

[...]

Pesquisadora: O que você acha que vai acontecer nessa história.

Yara: Ah, que história tia? Porque cê falou que tem um monte.

Pesquisadora: É essa aqui, o que você acha que vai acontecer nessa história? Pela imagem?

Yara: Ah tia... Eu acho que muitos lobos vai ruivar tia, porque o que tá aparecendo é isso.

Pesquisadora: É? Pode ser né?

[...]

Yara: Que nessa história vai ter muito lobo e muita diversão.

Mariane: Eu acho que nessa história vai contar cada lobo que tem na... que a gente já leu e vai ser muito legal.

(Período de intervenção- conversa sobre o conto *Procura-se lobo* de Ana Maria Machado)

Para Solé (1998, p. 108), a formulação de previsões sobre o texto a ser lido é uma estratégia muito importante para a compreensão leitora dos alunos. A autora afirma que

formular hipóteses, fazer previsões, exige correr riscos, pois por definição não envolvem a exatidão daquilo que se previu ou formulou. [...] as previsões feitas por alunos e alunas nunca são absurdas, isto é, que com a informação disponível – título e ilustrações – formulam expectativas que, ainda que não se realizem, bem poderiam se realizar; embora não sejam exatas, são pertinentes.

Como se trata de uma história extensa, preparei uma dinâmica para envolver a turma no decorrer da leitura. Entreguei a cada um uma plaquinha contendo o nome da história lida em casa. Durante a leitura do conto *Procura-se lobo* os alunos deveriam ficar atentos e levantar sua plaquinha para identificar o momento em que o personagem de sua história fosse abordado, sendo que tal abordagem se daria nas entrelinhas da narrativa, o que exigia capacidade de atenção e concentração dos alunos.

Para contextualizar, vejamos o resumo da história contido no final do livro:

Manuel Lobo tem uma missão importante: alertar o mundo sobre o risco de extinção dos lobos das Florestas, dos desertos... Mas um anúncio mal feito atraiu uma série de lobos intrometidos tentando desviar o rumo da história. Alguns são lobos maus, assustadores de crianças, mas há também os espertalhões e outros bem bobos. E até uns lobos bonzinhos. Felizmente, Manuel Lobo conhece essa turma toda... (MACHADO, 2010).

Na história, Manuel lobo, o personagem principal consegue um emprego de respondedor de cartas de lobos, já que um anúncio mal elaborado provocou um grande engano, atraindo lobos de toda a parte, aliás, de muitas histórias.

Logo de início, a narrativa de Ana Maria Machado chama a atenção dos alunos para a importância de uma escrita coerente e de ser um leitor atento.

Porque tinha muito lobo se apresentando em resposta ao anúncio.
Eram muitas cartas. Cartas demais. Tiveram até que criar um emprego novo, de respondedor de cartas de lobos. E queriam que Manuel fosse trabalhar lá, fazendo esse serviço. É que ele escrevia muito direitinho, sabe?
Tinham gostado da carta dele.
Desse jeito, Manuel resolveu o problema maior de sua vida nesse momento: arranjar um emprego. Sorte que ele escrevia bem.
Melhor ainda: Manuel Lobo adorava ler. Conhecia uma porção de histórias. Por causa disso, quem ficou com o futuro garantido foi ele.
Porque não havia lobo capaz de enganar um leitor como ele.
Era só começar a ler uma carta e ele já descobria tudo (MACHADO, 2010, p. 7- 8).

O sobrenome “Lobo” também não foi aleatório, mas penso que sua intenção foi propor uma brincadeira com a palavra “lobo”. Assim, de maneira lúdica, as crianças aprendem que as palavras podem ter vários sentidos, dependendo do contexto. Ao ler a narrativa com os alunos, Júlio César se mostrou um pouco confuso com esse trocadilho, porém, nem foi preciso lhe explicar a diferença de sentido entre lobo e Lobo, o próprio contexto da história deixou clara para ele essa questão.

Alguns alunos mostraram-se bem espertos, ao participar da dinâmica proposta, conseguindo relacionar o personagem “lobo” de cada história lida em casa com o trecho do

livro *Procura-se lobo*. O trecho citado a seguir, identificado pela maioria dos alunos, foi referente ao conto *Os três porquinhos*. Nem foi preciso completar a leitura:

Eu tenho uma força descomunal. Eu bufo, eu estufo, eu sopro, e eu derrubo qualquer casa. Tenho bom preparo esportivo e porte atlético. Também gosto de escalar e sou capaz de subir em qualquer telhado (MACHADO, 2010, p. 13).

Outra parte, não tão fácil como a dos três porquinhos, também foi identificada rapidamente, dessa vez pela aluna Julia, demonstrando desse modo que ela leu e compreendeu a fábula *Os sete cabritinhos*. Segue o trecho da narrativa:

Posso me integrar muito bem
A qualquer ambiente e logo estarei
Como todos os outros à minha volta.
Não chamo a atenção de ninguém. Se
precisar usar qualquer uniforme
Para meu trabalho, não me incomodo,
Na verdade, adoro me disfarçar. (MACHADO, 2010, p. 18)

Outra estratégia utilizada pela autora foi a inserção de cantigas da tradição oral bem conhecidas no universo infantil, como “Eu sou o lobo mau, o Lobo Mau, o Lobo Mau...” ou “Quem tem medo do Lobo, do Lobo Mau, do Lobo Mau?”

Assim, foi possível perceber a alternância entre trechos mais fáceis e mais simples com trechos mais complexos, que exigiam maior habilidade de atenção, concentração e compreensão por parte dos alunos.

Penso que esse tipo de leitura é interessante nessa etapa do ensino básico por provocar o interesse e o envolvimento de toda a turma, independente das dificuldades de leitura e interpretação que cada aluno possa apresentar. Dessa forma, a obra pode ser lida tanto com leitores iniciantes que ainda estão em processo de alfabetização quanto com alunos mais experientes. Sobre essa questão, Aguiar afirma:

A rigor, todos os temas e formas podem ser objeto de um livro para iniciantes, desde que enfocados a partir das capacidades compreensivas dos leitores. Em se tratando de sujeitos oriundos de uma cultura fortemente oral, importa não fazer diferenças *a priori*, mas respeitar seu ritmo de desenvolvimento próprio, como, de resto, o de todas as crianças. Igualmente, aquelas que vivem em outras condições socioculturais divergentes não devem ser excluídas, mas integradas ao processo, na medida em que encontram no texto referenciais com os quais possam dialogar (2011b, p. 244).

Já quase finalizando a leitura da narrativa, ao ler o trecho abaixo, fiz uma pausa para que os alunos opinassem a respeito da ideia tida pelo personagem “Manuel Lobo”:

Cansado de tanto responder, Manuel Lobo começou a achar que aquilo nunca ia ter fim. Até que descobriu por quê. O anúncio era muito vago. Não dizia que tipo de lobo procuravam, nem para quê. Devia ter sido escrito por alguém que não era muito bom em redação. Então teve uma ideia (MACHADO, 2010, p. 37).

A intenção proposta era auxiliar os alunos na construção de sentidos, a partir da leitura realizada até aquele instante, incentivando-os a fazer previsões sobre a continuidade da história.

Pesquisadora: O que vocês acham? Que ideia que ele teve aqui?³

Pedro: Ah, chamar outra pessoa para trabalhar com ele?

Pesquisadora: será?

[...]

[...] Trabalhar Sozinho [...]

Contratar os lobos?

Pesquisadora: Todos eles? Pode ser. Vamos ver.

[...] tia, talvez contratar uma mulher...

Ana Luíza: Acho que ele vai escrever outra redação.

(Período de intervenção- Relato oral de alguns(as) alunos(as) durante a leitura do conto *Procura-se lobo*)

Esse tipo de exercício favorece a interação entre os alunos, valoriza sua maneira de pensar e estimula a reflexão e curiosidade. Com essa estratégia,

as crianças se tornam protagonistas da atividade de leitura [...] transformam a leitura em algo seu – o que é que eu penso , até que ponto minha opinião é correta. Aprendem que suas contribuições são necessárias para a leitura e veem nesta um meio de conhecer a história e de verificar suas próprias previsões (SOLÉ, 1998, p. 109).

Na previsão feita pelos alunos, foi interessante notar que Ana Luíza, mesmo estando em processo de alfabetização, apresentando muitas dificuldades em sua aprendizagem, foi quem fez a previsão mais pertinente com a narrativa *Procura-se lobo* ao afirmar: “Acho que ele vai fazer outra redação”. De fato, é o que acontece na história. Ao expor sua ideia, Manuel Lobo afirma “Por que a gente não publica outro anúncio? Desta vez mais claro. Dizendo bem o que a gente quer...” (MACHADO, 2010, p. 37).

Mas, é importante ressaltar que, nesse momento, o objetivo principal foi estimular a troca de ideias, propondo aos alunos um momento de reflexão acerca da história. Esse foi um momento bastante agitado, pois os alunos demonstraram pouca familiaridade com esse tipo de interação, mas foi uma experiência produtiva, visto que os alunos demonstraram interesse e envolvimento com a obra literária.

³ Nesse momento da aula, muitos alunos falavam simultaneamente, o que dificultou a posterior identificação de quem estava falando.

Voltando à narrativa, resolvida a confusão em torno do anúncio mal elaborado, fica claro que, na verdade, a equipe do jornal está à procura de “lobos de verdade” para realizar um documentário, alertando as pessoas sobre o risco de extinção desses animais. Nesse momento, quase finalizando a leitura, pergunto aos alunos sobre a quais lobos a equipe do jornal se referia, e Kauan, que muito conversou durante a leitura da história, responde: “O lobo Guará!” Em seguida, vários alunos fazem menção ao Cerrado e à história lida anteriormente, *Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará*. Nesse momento, pergunto aos alunos o que significa a palavra “Extinção” e algumas falas surgem:

[...] Acabar com eles.

[...] Acabar com a espécie deles.

[...] Não existe mais nenhum no planeta.

Pesquisadora: Existe, calma. Quando diz que está “em extinção”...

[...] É porque tem pouco deles.

Pesquisadora: Significa que está morrendo. A espécie está morrendo. Esses lobos estão desaparecendo, deixando de existir. Agora, se falar assim: Foi extinto. Aí sim, quer dizer que não existe mais nenhum animal daquela espécie na face da Terra.

(Período de intervenção- relato de alguns(as) alunos(as) durante a leitura do conto “Procura-se lobo”)

Nesse instante, alguém menciona os dinossauros, exemplificando uma espécie extinta do nosso planeta.

Para finalizar o relato dessa experiência de leitura literária, citarei algumas considerações de Lajolo (2004) a respeito do fim das histórias. Parafrazeando nosso grande poeta Carlos Drummond de Andrade, a autora enfatiza a questão colocada por Drummond no poema *Fim*:

Por que dar fim a histórias?

[...]

O fim da história – mesmo quando se trata de um final feliz – faz cessar o fluxo de expectativas que a narrativa promete a seus leitores. Frustradas, exacerbadas ou satisfeitas – mas sempre renovadas ao longo da leitura –, as expectativas empurram o leitor de uma página para outra, até que se chegue à última (LAJOLO, 2004, p. 12).

Pode-se dizer que o final da narrativa *Procura-se lobo* não contraria essa ideia. O conto termina de forma bem sugestiva dando asas à imaginação do pequeno leitor.

Com tanta informação, foi fácil. Manuel Lobo entrou na equipe de filmagem e agora também tem um novo trabalho. Viaja o mundo inteiro estudando animais e fazendo filmes sobre eles. Talvez até você já tenha visto algum. Ou mandado alguma carta com sugestões para novos programas (MACHADO, 2010, p. 38).

Nesse mesmo dia, propus aos alunos uma atividade de pesquisa no intuito de ampliar seus conhecimentos sobre a extinção dos animais, visto que o assunto abordado nas narrativas

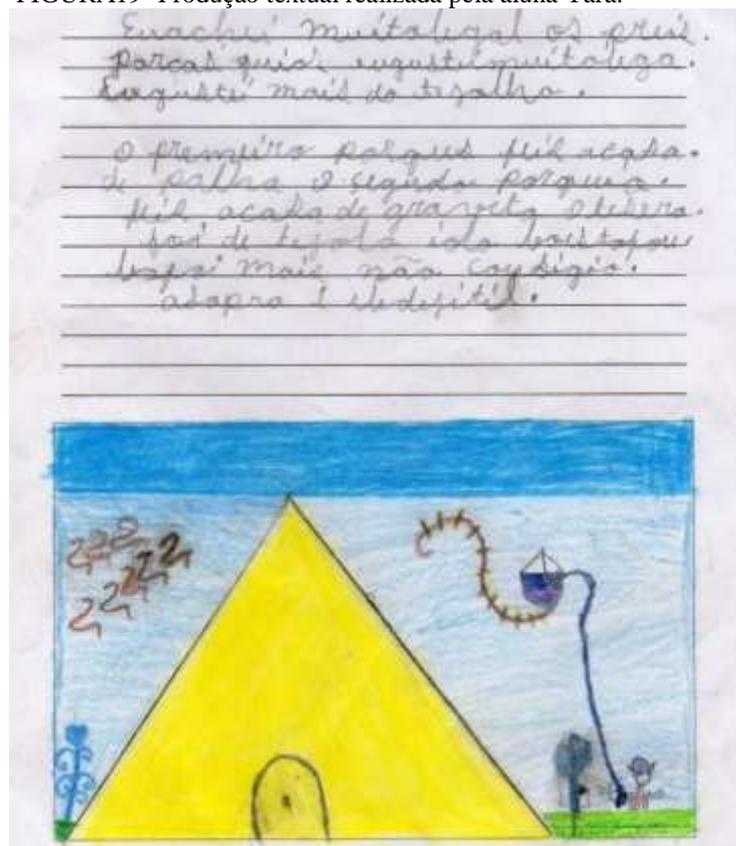
despertou o interesse dos alunos. Essa proposta compõe uma das perspectivas metodológicas do letramento literário descritas por Cosson (2014) como técnica do andaime, que consiste em dar autonomia ao estudante na construção do conhecimento. O enunciado da atividade de pesquisa dizia:

Assim como os vários tipos de lobos retratados na obra literária *Procura-se lobo* de Ana Maria Machado, muitos outros animais brasileiros estão ameaçados de extinção. Faça uma pesquisa sobre o assunto e traga para a discussão com o grupo na próxima quinta-feira. Você poderá ilustrar sua pesquisa com recorte/colagem ou desenhos.

Bom trabalho!!!

Apareceram trabalhos interessantes. Alguns tiveram mais facilidade para realizar a pesquisa, outros nem tanto. Inclusive, algumas voltaram em branco. A atividade abaixo é da aluna Yara e me chamou a atenção pelo fato de se tratar de uma aluna com grande dificuldade em seu processo de aprendizagem.

FIGURA19- Produção textual realizada pela aluna Yara.



Fonte: imagem escaneada pela autora.

Observa-se que ela foge à proposta da pesquisa. É possível deduzir que talvez essa aluna não tenha recebido ajuda de alguém mais experiente para realizar a atividade. No entanto, essa aluna nos revela o quanto a experiência de leitura literária foi significativa para

ela, ao retratar por meio da escrita e de desenhos, a história *Os três porquinhos*.

Já no dia 29 de agosto, após socializarmos as pesquisas feitas pelos alunos, continuamos abordando a questão da extinção dos animais, visto que o tema despertou o interesse da turma.

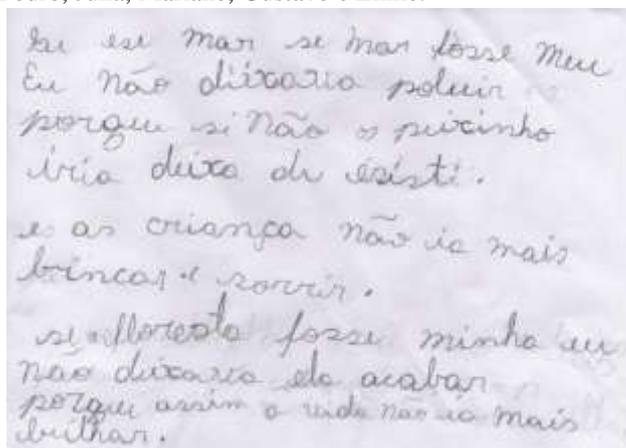
Fizemos a leitura do poema *Paraíso*, de José Paulo Paes, e em seguida ouvimos a música *Planeta Azul*, de Chitãozinho e Xororó. Enquanto as meninas apreciavam, alguns meninos reclamaram, dizendo que era música de “velho”.

Após conversarmos sobre as questões abordadas na música e no poema, propus aos alunos uma releitura do poema *Paraíso*. Essa é outra perspectiva metodológica apontada por Cosson, a realização de oficina que pressupõe o aprender com a prática:

O princípio da oficina se faz presente na alternância entre as atividades de leitura e escrita, isto é, para cada atividade de leitura é preciso fazer corresponder uma atividade de escrita ou registro. Também é a base de onde se projetam as atividades lúdicas ou associadas à criatividade verbal que unem as sequências (COSSON, 2014, p. 48).

O objetivo da oficina era promover a interação entre os alunos(as), ampliar as discussões e aprofundar a compreensão dos alunos sobre a extinção dos animais, questão abordada nos livros *Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará* e *Procura-se lobo*. A proposta era que os alunos recriassem o poema por meio da escrita espontânea a partir do consenso de ideias entre os integrantes do grupo. A seguir um exemplo das produções realizadas nesse dia:

FIGURA 20- Produção realizada pelo Grupo:01 composto pelos(as) alunos(as) Pedro, Julia, Mariane, Gustavo e Emile.



Fonte: imagem escaneada pela autora.

As interações entre os grupos foram bem intensas. Mais uma vez, um momento muito barulhento e agitado, mas bem produtivo. Mesmo com dificuldades para manusear a escrita, percebe-se que os alunos foram capazes de expressar suas ideias e, por que não dizer, seus sentimentos em relação ao meio ambiente. Geraldi (2015, p. 66) defende o convívio com o texto literário como um caminho para o desenvolvimento da expressão linguística dos alunos. Desse modo, ressalta a importância de trabalhar a autoria dos alunos por meio da produção de textos literários, porém, afirma que

enquanto o texto literário exige maior autoria do leitor no processo de produção de sentidos, autoria que se espera deste mesmo leitor quando escreve um texto, é precisamente este gênero de texto que a escola marginaliza. Por quê?

Ao perceberem que as atividades estavam chegando ao fim, os alunos me questionavam sobre quando seria a próxima leitura, qual seria a próxima história, quando eu iria voltar. Isso me fez pensar que, apesar de algumas dificuldades vivenciadas em nossos encontros, as experiências de leitura literária realizadas com essa turma foram muito significativas, confirmando assim a asserção geral da pesquisa, que postula que

a efetivação de práticas de leitura literária no 3º ano do Ensino Fundamental tenderá a se constituir em um fator de grande relevância na formação do aluno leitor, desde que tais práticas estejam fundamentadas por princípios teórico-metodológicos que favoreçam experiências significativas com a linguagem.

(CAPÍTULO II, p. 58 desse trabalho)

Buscando atender aos anseios dos(as) alunos(as), a última atividade proposta foi um rodízio de leitura literária a partir do livro *Procura-se lobo*. Os(as) aluno(as) levaram para casa uma pasta contendo o livro literário e alguns materiais como lápis de cor, canetinha, giz de cera, cola, tesoura entre outros. Junto à pasta foram encaminhadas aos pais algumas orientações para a realização da atividade:

Após a leitura compartilhada em família, realizem juntos uma ilustração utilizando os recursos acima. Vocês poderão utilizar o desenho, pintura, recorte, colagem, fotografias, enfim, usem a criatividade!

Cuidem bem desse material e o devolva direitinho conforme o combinado com a pesquisadora. Assim, todos terão a oportunidade de participar, prestigiando a leitura com sua família.

Ao final, faremos uma exposição das atividades desenvolvidas. Esperamos que seja um momento muito agradável e proveitoso. Boa leitura!!!

(Período de intervenção- proposta de atividade envolvendo a leitura do livro “Procura-se lobo”)

A partir da leitura desse livro foi construído coletivamente um portfólio com as produções (escrita e desenho) feitas pelos alunos. Com essa atividade propus aos alunos o seguinte exercício: “Imagine que você tenha sido convidado a fazer parte da equipe do Manuel Lobo. Que sugestão você daria a ele para ajudá-lo a proteger os animais?” Dentre as respostas para a questão, destacamos:

João Pedro: ajudar não poluir, achar lugares para os animais.

Pedro: eu falaria pra ele pra chama uma pessoa bem eteligente para fazer o distrito para o guveno para não deixar os cassadores matar os tipos de lobos raros é mais uma pessoa.

Carlos: cuida dos animas protejer os animas ajudar os animas fazer amizade coms animas fazer casas pros animias

Michele: ter fiscalização para ajudar a preseva a floresta. ter equipe que isteja sempre no controle e ajuda a preserva animais.

Ana Julia: Não deixar lixo em nem um lugar

Mariane: vamos preserva a floresta porque é muito importante para nois a floresta presiza do animal lobos.

Yara: Euquuida ria do samimais [...] cuidar de cadaamimais Euria cuidar muito bei eueria Fazencada czinha.

Larissa: Entregano plafe tos para as pessoas não abandona os animais e nei maltrata.

Marcus Vinícius: Não deixar traficar animais não deixar caçalos.

Julia: Se eu fosse convidada pra eu fosse tipo ele eu ia cuida da floresta

Emile: Eu e o Manuel lobo ia cuidar da floresta muito Bem não ia deicha os casadores matar os animais inosentes.

Ana Luiza: Não potá nata o sarinari

Carla Maria: não deixa maltratar os animais.

(Período de intervenção- relato escrito dos(as) alunos(as) durante o rodízio de leitura literária).

Alguns alunos não responderam à questão, porém foram bem sugestivos em suas ilustrações, como se vê a seguir:

FIGURAS 21 e 22 – Desenho das alunas Luísa e Maria Eduarda



Fonte: imagens escaneadas pela autora.

Analisando as produções dos alunos, é possível notar que muitos apresentaram autonomia e autoria em sua escrita. Outros necessitaram de um grande esforço para realizá-las. Mas é importante ressaltar que foi uma atividade que mobilizou o grupo e promoveu a interação entre os sujeitos participantes da pesquisa.

As atividades desenvolvidas com os alunos participantes da pesquisa durante o período de intervenção foram organizadas em forma de portfólio e expostas no “IX Simpósio do Cerrado”, um evento anual e que constitui um dos projetos mais importantes dessa escola. Segue o registro fotográfico dessa exposição.

FIGURA 23- Exposição das atividades no Simpósio do Cerrado



Fonte: imagem escaneada pela autora.

A escolha desse recurso se deu pelo fato de se tratar de uma forma de documentação que permite a organização dos dados obtidos de maneira clara e acessível (BARBOSA; HORN, 2008). Dessa forma, foi possível socializar com todos os membros da comunidade escolar parte do trabalho desenvolvido durante a pesquisa. Segundo Paulino e Cosson (2009, p. 71),

a escola enfatiza demasiadamente o conhecido e o mensurável, negando espaço para o estranho e o inusitado. É o que se observa, por exemplo, no modelo de bom aluno repetidor, cuja competência mais valorizada é dizer aquilo que o livro didático ou o professor já disse: quanto mais literal a repetição, melhor.

A partir dessa abordagem das narrativas, na perspectiva do letramento literário tive como propósito combater essa ideia, abrindo espaço para a ressignificação das práticas de leitura literária no cotidiano escolar. Desse modo, a partir do contato com a literatura foram privilegiadas atividades que permitissem a autoria dos alunos em suas produções escritas, bem como a produção de sentidos a partir do diálogo com grupo.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo, Scipione, 1997.
- _____. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy et al. (Org.) **Escolarização da leitura literária**. 2. ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b, p. 234-255.
- _____; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p.38- 47.
- _____. **A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores**. (p. 01-09), 2003. Disponível em <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/A-didatizacao-e-a-precaria-divisao-de-pessoas-em-faixas-etarias.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil brasileira: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000, p. 27.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CRUVINEL, Maria de Fátima. **Leitura Literária: provocações para pensar o contexto escolar**. Revista Criação e Crítica. N. 9, p. 27-37, nov. 2012. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/46859>>. Acesso em: 28 maio 2017.
- ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **Obra aberta**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. Sobre algumas funções da literatura. In.: _____. **Sobre a literatura**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

LAILOLO, Marisa. Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004, p. 11-23.

Machado, Ana Maria. **Procura-se lobo**. Ilustrações de Laurent Cardon. – 2. ed. Ática, São Paulo, 2010.

_____. **Os três porquinhos**. Ilustrações de Giles Eduar. Ed. Renov. São Paulo: FTD, 2004. (Coleção lê pra mim)

MELLO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa.

Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: Ed. UFSCar, 2012.

OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. **Memórias de leitores: uma história construída na trama dos discursos escolares**. Goiânia, 2012. 287 p. Tese – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

PAULINO, Graça.; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades: teoria e prática**. São Paulo: Formato, 2005.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Uma história de fadas nada europeia**. In: VALDEZ, Diane. **Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará**. 3. ed. – Curitiba: Base Editorial, 2011. (p.05)

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004.

VALDEZ, Diane. **Os três porquinhos Caititus e o Lobo-Guará**. 3. ed. – Curitiba: Base Editorial, 2011.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) **Projeto Político-Pedagógico da escola: Uma construção possível**. 29. ed.- Campinas, SP: Papyrus, 2013. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). Vários autores.